

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

**Competências do Professor do 1º CEB
na Gestão dos Comportamentos em Sala de Aula**

Joana de Carvalho Almeida

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

Orientado por: Professora Doutora Elisabete X. Gomes

Ano Lectivo 2014/2015

Junho 2015

Pai, sempre desejaste que prosseguisse os estudos, porém, não te dei esse orgulho antes de partires. Fica aqui a minha homenagem, pois também foi por ti que concretizei mais um desafio da minha vida! Obrigada.

Agradecimentos

Pretendo que no presente Relatório Final fique registado que estou extremamente grata a quem me apoiou de múltiplas formas durante o meu percurso académico na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich.

À Professora Elisabete X. Gomes, Supervisora da Prática de Ensino Supervisionada e Orientadora do presente Relatório Final agradeço pelas contínuas reflexões que me despoletou enquanto pessoa e profissional, e pelos ensinamentos que me transmitiu, dos quais desenvolvi aprendizagens bastante significativas para a minha *praxis* pedagógica no presente e no futuro.

Agradeço ainda, a todos os Docentes desta Escola que me acompanharam desde a Licenciatura em Educação Básica, em especial aos elementos das “Equipas de Ano”, que tiveram um papel fundamental na minha formação; bem como aos Supervisores de Estágio que me orientaram até à data, enriquecendo a minha visão crítica e analítica da realidade educativa.

À Professora Ana Margarida Figueiredo, minha professora Cooperante do presente estágio e Coordenadora da Instituição onde trabalho como Assistente Operacional, pelo apoio incondicional, pela amizade, respeito e valorização para com a minha pessoa e profissional.

À Direcção do Agrupamento de Escolas onde exerço as minhas funções de Assistente Operacional, pela autorização de realizar as Práticas de Ensino Supervisionada desde o ano lectivo 2010/2011, no meu local de trabalho.

Estou grata pelas relações de camaradagem que se foram desenvolvendo durante estes anos entre colegas de turma, não podendo deixar de nomear a Paula Oliveira, Patrícia Neo,

Inês Antunes, Joana Vicente e Maria Barba, que contribuíram para a minha motivação, empenho e dedicação perante o árduo percurso de um Trabalhador-Estudante, sempre com um sorriso, uma brincadeira ou um desabafo genuíno.

Como não poderia deixar de ser, o meu mais profundo agradecimento é para a minha família - mãe, irmã, namorado e cunhado, pela paciência que demonstraram quando confrontados com os meus dilemas de estudante, pela compreensão pela minha constante ausência, disponibilidade e predisposição para me dedicar aos laços familiares, e ainda pela força que me deram nos momentos em que pensei desistir desta caminhada.

Que culpa temos nós de os rapazes serem barulhentos, desinquietos e desatentos? É verdade que, às vezes, a culpa não é nossa: é toda deles, a quem mais apetecia estar na rua que na escola. Mas para isso justamente é que serve o bom professor (...). Ser bom professor consiste em adivinhar a maneira de levar todos os alunos a estar interessados; a não se lembrarem de que lá fora é melhor.

Diário de Sebastião da Gama

Resumo

O presente Relatório foi desenvolvido no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º CEB e visa reflectir sobre a Prática de Ensino Supervisionada desenvolvida numa escola do 1º ciclo do ensino básico, integrada num Agrupamento de Escolas TEIP (Território Escolar de Intervenção Prioritária), numa turma de vinte e um alunos do 2º ano de escolaridade.

A partir das experiências vivenciadas, surgiu o interesse oportuno pelas “Competências do Professor do 1º CEB na Gestão dos Comportamentos em Sala de Aula”, culminando na reflexão acerca do repertório de estratégias que este pode utilizar em prol da construção de um ambiente pedagógico de qualidade. Este grupo é de difícil gestão comportamental, pois a grande parte das crianças são indisciplinadas, pouco respeitadoras de regras, desinteressam-se e distraem-se rapidamente, e revelam agressividade nas suas relações interpessoais.

Neste sentido, e a partir de uma investigação qualitativa que se aproxima de uma Investigação-Acção (I-A), são referenciadas práticas correntes da instituição e apresentado o conjunto de intervenções que dinamizei tanto na sala de aula como no tempo de recreio.

As opções metodológicas recorreram a um conjunto diversificado de recolha de dados, nomeadamente o Diário de Campo, inquéritos por questionário, tabela da frequência de incidentes críticos e registo fotográfico.

As principais conclusões deste trabalho assentam na importância de o/a Professor/a saber organizar e reestruturar o ambiente educativo recorrendo a materiais, instrumentos reguladores, acções e rotinas; planificar actividades estimulantes e diversificadas; e gerir democraticamente os comportamentos da sala de aula, sendo capaz de negociar, discutir e entrar em acordo com os seus alunos na gestão das recompensas e consequências. No que

concerne à intervenção do/a Professor/a em contextos e situações não formais dentro da escola, são apresentadas conclusões baseadas na observação e no resultado demonstrado num gráfico de barras que parece evidenciar uma tendência de diminuição da ocorrência de comportamentos desadequados em sala de aula, quando implementadas estratégias nos dois espaços (formais e não formais, especificamente, sala de aula e recreio).

Palavras-chave: Competências do Professor – Gestão dos comportamentos – Indisciplina – Intervenção pedagógica – Contextos escolares.

Abstract

This report was developed under the Master in Pre-School Education and Training of the 1st CEB and aims to reflect on the Supervised Teaching Practice developed a school of the 1st cycle of basic education as part of a TEIP Schools Group (School Territory of Priority Intervention), a group of twenty-one students from 2nd grade.

From past experiences, timely interest in "Teacher Competencies of the 1st CEB in the Behaviors Management Classroom" emerged, culminating in reflection on the repertoire of strategies that you can use this for the sake of building a quality teaching environment. This group is difficult to behavioral management, because most children are undisciplined, little respectful of rules, lose interest and distract it quickly and show aggressiveness in their interpersonal relationships.

In this sense, and from a qualitative research approaches a Research-Action (IA), current practices of the institution are referenced and presented the set of interventions that I perform both in the classroom and at recess time.

The methodological options appealed to a diverse set of data collection, including the Field Diary, questionnaire surveys, the frequency table of critical incidents and photographic record.

The main conclusions based on the importance of the teacher know how to organize and restructure the educational environment using materials, regulatory instruments, actions and routines; plan stimulating and diverse activities; and democratically manage classroom behavior, being able to negotiate, discuss and come to terms with their students in the management of rewards and consequences. Regarding the intervention of Teacher in contexts

not formal situations within the school, conclusions are drawn based on observation and the result shown in a bar graph that seems to show a decreasing trend in the occurrence of inappropriate behavior in the classroom, when implemented strategies in both spaces (formal and non-formal, specifically, classroom and recreation room).

Keywords: Teacher Competencies - Management of behavior - indiscipline - educational intervention - educational contexts.

Índice

Introdução	1
 Capítulo 1 – Enquadramento teórico – empírico da Prática de Ensino Supervisionada	
1.1. A qualidade do Ambiente Pedagógico	5
1.2. Competências profissionais do Professor	7
1.2.1. Perfil do desempenho Profissional	9
1.3. A Relação Pedagógica	10
1.4. Comportamentos de Indisciplina	11
1.5. Estratégias Pedagógicas de Gestão dos Comportamentos	12
1.5.1. Sugestões de Prevenção e Correção dos Comportamentos desadequados	12
1.5.2. As Regras e os Contractos Pedagógicos	14
1.5.3. Instrumentos Reguladores da sala de aula	15
1.6. Opções Metodológicas	16
 2. Capítulo II – Caracterização do contexto institucional e comunidade envolvente	
2.1. A Instituição	20
2.1.1. Funcionamento	21
2.1.2. Recursos Humanos da Instituição	21
2.1.3. Estrutura física da Instituição	22
2.1.4. Documentos reguladores da Instituição	22
2.1.5. O Meio envolvente	23
2.1.6. Práticas correntes de gestão do ambiente educativo	24
2.1.6.1. Apreciação da gravidade dos comportamentos desadequados dos alunos	25
2.1.6.2. Frequência da ocorrência de comportamentos desadequados	26

2.1.6.3. Estratégias utilizadas na gestão dos comportamentos	27
2.1.6.4. Apreciação global da gestão dos comportamentos em sala de aula	28
2.1.6.4.1. Como caracteriza o ambiente educativo da sua sala de aula?	28
2.1.6.4.2. Que factores considera quando reflecte nos comportamentos dos seus alunos?	29
2.1.6.4.3. Como se sente em relação à questão da “Gestão dos Comportamentos na sala de aula”?	30

Capítulo III – A Prática de Ensino Supervisionada (PES) na Instituição

3.1. Características do contexto de estágio que conduziram à escolha do tema de investigação	32
3.2. A minha intervenção pedagógica orientada para a melhoria do ambiente educativo	34
3.2.1. Recurso a software ClassDojo	39
3.2.2. Planificação de tarefas	
3.2.2.1. “David vai à escola” – uma estratégia de “role playing”	40
3.3. Intervenção em contextos escolares não formais	41
3.3.1. Patudo e Joanelha – Os Patudos da escola	41
3.3.2. Recreios orientados	42
3.4. Os impactos da minha intervenção	42

Capítulo IV – Considerações finais

Bibliografia	52
---------------------	----

Anexos

A-I (Inquérito aos Professores)	56
A-II Registo da Frequência de Incidentes Críticos – A	61
A-III Registo da Frequência de Incidentes Críticos	62
A-IV Planificação da Tarefa	63
A-V (Planificação da Tarefa	73

Índice de figuras

Figura 1- Dimensões do ambiente escolar	6
Figura 2 – Mapa das tarefas	36
Figura 3 – Tabela dos comportamentos	36
Figura 4 – BD das regras da sala	37
Figura 5 – Plano semanal	37
Figura 6 – Diário de Turma da sala	39
Figura 7 – ClassDojo – Avaliação dos alunos da turma	40
Figura 8 – Alunos e os animais de estimação	42
Figura 9 – Gráfico da frequência de incidentes críticos na sala de aula	43

Índice de quadros

Quadro 1- Estratégias Pedagógicas de Intervenção	13
Quadro 2- Gestão conveniente dos comportamentos dos alunos	13
Quadro 3 – Estrutura e organização do registo no Diário do grupo	15
Quadro 4 – Estratégias de recolha de dados e suas principais características	17
Quadro 5 – Principais conclusões referentes à tabela 1	26
Quadro 6 – Frequência dos comportamentos nas salas de aula constantes na tabela 1	26
Quadro 7 – Estratégias propostas no inquérito aos Professores com integração da informação do quadro 1	27
Quadro 8 – Frequência da aplicação de estratégias pedagógicas nas sala de aula	28
Quadro 9 – Plano de intervenção em sala de aula de Janeiro a Março de 2015	35
Quadro 10 – Regras estabelecidas na sala de aula	37

Índice de tabelas

Tabela 1 – Resultado da análise dos seis inquéritos sobre a percepção da relevância dos comportamentos	25
--	----

Lista de Siglas

AEC – Actividades de Enriquecimento Curricular

NEE – Necessidades Educativas Especiais

PES – Prática de Ensino Supervisionada

P1 – Professor nº 1 do inquérito

P2 – Professor nº 2 do inquérito

P3 – Professor nº 3 do inquérito

P4 – Professor nº 4 do inquérito

P5 – Professor nº 5 do inquérito

P6 – Professor nº 6 do inquérito

TEIP – Territórios Educativos de Intervenção Prioritária

1º CEB – 1º Ciclo do Ensino Básico

3º CEB – 3º Ciclo do Ensino Básico

Introdução

O presente Relatório Final tem como objecto de estudo as “Competências do Professor do 1º CEB na gestão dos comportamentos em sala de aula”. De acordo com Cadima et al. (2011, p. 17) a gestão do ambiente educativo depende da capacidade de organização dos professores, que conseguem criar e manter o ritmo das actividades, monitorizando em simultâneo os acontecimentos da sala de aula.

No âmbito deste tema, as questões de partida surgiram a partir da praxis vivenciada durante a Prática de Ensino Supervisionada numa turma de 2º ano do ensino básico, de uma escola pública integrada num Agrupamento de Escolas de Território Educativo de Intervenção Prioritária¹ em Lisboa. Na turma em questão, o problema da indisciplina e a frequência dos comportamentos desadequados dos alunos configuram um potencial e visível obstáculo para o processo ensino-aprendizagem, bem como para a relação pedagógica, pois a indisciplina constitui “(...) uma quebra das acções de gestão que o professor implementou previamente e que tinham como objectivo permitir a aprendizagem dos alunos.” (Espelage & Lopes, 2013, p.42).

Este grupo é de difícil gestão comportamental, pois a grande parte das crianças revela comportamentos de indisciplina pois desrespeitam as regras, evidenciam pouco interesse e concentração nas tarefas, e revelam agressividade nas suas relações interpessoais. As situações mais comuns de indisciplina são fugir da sala, correr e bater, não realização das tarefas propostas e o desrespeito pelos deveres de cidadania. Estas situações não se

¹ “O Programa TEIP é uma iniciativa governamental, implementada atualmente em 137 agrupamentos de escolas/escolas não agrupadas que se localizam em territórios economicamente e socialmente desfavorecidos, marcados pela pobreza e exclusão social, onde a violência, a indisciplina, o abandono e o insucesso escolar mais se manifestam. São objetivos centrais do programa a prevenção e redução do abandono escolar precoce e do absentismo, a redução da indisciplina e a promoção do sucesso educativo de todos os alunos. Os agrupamentos de escolas que integram o programa TEIP são frequentados por um grande número de alunos que pertencem a grupos identificados como em risco de exclusão escolar e social(...)”.
Fonte: <http://www.dge.mec.pt/teip>

restringem apenas ao contexto formal, sendo também observadas nas rotinas escolares, nomeadamente no recreio e nas refeições.

Neste cenário, a professora, nem sempre consegue dar a mesma atenção a todas as crianças, o que muitas vezes se prende com o facto de as mais indisciplinadas manterem sobre si bastante do tempo da atenção da docente.²

É com base nas situações observadas, nas dificuldades que senti em conduzir a turma durante as tarefas que propus e nas práticas correntes da instituição, que creio que é fundamental reflectir sobre as competências do Professor do 1º CEB na Gestão dos Comportamentos em sala de aula.

Tendo em conta o problema/situação problemática observada, pretendo encontrar respostas às seguintes questões:

- a) Que estratégias pode o professor utilizar para prevenir e/ou controlar os comportamentos desadequados da turma?
- b) A intervenção do professor noutros espaços/situações da escola é relevante para a gestão comportamental dentro da sala de aula?

Apresentados o tema e as questões de partida, interessa descrever a estrutura do relatório. No Capítulo I – Enquadramento teórico-metodológico da Prática de Ensino Supervisionada, pretendo enquadrar o problema supracitado por intermédio de uma conexão de secções/subcapítulos que abordam - 1.1. A qualidade do Ambiente Pedagógico, 1.2. Competências profissionais do Professor, 1.2.1. Perfil do desempenho Profissional, 1.3. A Relação Pedagógica, 1.4. Comportamentos de Indisciplina, 1.5. Estratégias Pedagógicas de Gestão dos Comportamentos, 1.5.1. Sugestões de Prevenção e Correção dos Comportamentos desadequados, 1.5.2. As Regras e os Contractos Pedagógicos,

² Para maiores detalhes sobre esta situação, poderá consultar-se o dossier da PES, na secção Registo das fases de Observação, que se encontra no CD-ROM em anexo

1.5.3. Instrumentos Reguladores da sala de aula, 1.6. Opções Metodológicas no desenvolvimento deste estudo.

No Capítulo II – Caracterização do contexto institucional e comunidade envolvente, apresento e enquadro o contexto onde desenvolvi o estágio, fazendo-o de uma perspectiva abrangente e respeitadora das suas especificidades. Apresento ainda, as práticas correntes dos Professores desta instituição, utilizando os dados que recolhi a partir dos inquéritos por questionário. Este capítulo está organizado da seguinte forma: 2.1. A Instituição, 2.1.1. Funcionamento, 2.1.2. Recursos Humanos da instituição, 2.1.3. Estrutura física da instituição, 2.1.4. Documentos reguladores da instituição, 2.1.5. O Meio envolvente, 2.1.6. Práticas correntes de gestão do ambiente educativo, 2.1.6.1. Apreciação da gravidade dos comportamentos desadequados dos alunos, 2.1.6.2. Frequência da ocorrência de comportamentos desadequados, 2.1.6.3. Estratégias utilizadas na gestão dos comportamentos, 2.1.6.4. Apreciação global da gestão dos comportamentos em sala de aula. Como se fará notar, algumas das estratégias observadas e referidas pelos professores são convergentes com as identificadas na revisão de literatura.

O Capítulo III – A Prática de Ensino Supervisionada (PES) na Instituição espelha a minha experiência enquanto Estagiária da turma do 2º ano de escolaridade, relatando a minha intervenção perante os comportamentos desajustados dos alunos, evidenciando as estratégias que utilizei dentro e fora da sala de aula (destinadas apenas à turma, como as que foram alargadas às restantes), bem como a recolha de dados que obtive para tratamento e discussão (excertos do Diário de Campo, fotografias e tabela de frequência de incidentes críticos). O presente capítulo está organizado da seguinte forma: 3.1. Características do contexto de estágio que conduziram à escolha do tema de investigação, 3.2. A minha intervenção pedagógica orientada para a melhoria do ambiente educativo, 3.2.1. Recurso a software ClassDojo, 3.2.2. Planificação de tarefas, 3.2.2.1. “David vai à escola” – uma estratégia de

“role playing”, 3.3. Intervenção em contextos escolares não formais, 3.3.1. Patudo e Joaquinha – Os Patudos da escola, 3.3.2. Recreios orientados, 3.4. Os impactos da minha intervenção.

Na última secção apresento as principais conclusões da comparação entre os dois registos de incidentes críticos, ilustrando as mesmas com um gráfico de barras.

As Considerações Finais – Capítulo IV reflectem a minha visão acerca da experiência de estágio, servindo ainda de auto-avaliação, reflexão crítica e projecção do meu Eu profissional, tanto no sentido construtivo e formativo, como o de planear próximas intervenções coerentes e fundamentadas.

A Bibliografia apresenta as referências que utilizei ao longo do Relatório Final e nos Anexos constam os instrumentos de recolhas de dados (inquéritos e tabelas de frequência de incidentes críticos) e as planificações (“David vai à Escola” e “Animal em sala de aula”).

Capítulo I

Enquadramento teórico-metodológico da Prática de Ensino Supervisionada (PES)

O interesse pelas “Competências do Professor do 1º CEB na gestão dos comportamentos em sala de aula”, objecto de estudo do presente relatório, surgiu a partir da experiência que vivenciei numa turma de 2º ano de escolaridade, cujo ambiente educativo sofria fortes perturbações relacionadas com as interacções, acções e atitudes dos alunos da turma.

Desde sempre “(...) surgiram professores que conduziram as aulas sem necessidade de recurso a grandes medidas de controlo disciplinar, pelo facto de reunirem boa capacidade e penetrância didácticas, com empatia e relacionamento adequado com os seus alunos.” (Sampaio, 1997, p. 6), por essa razão, é importante compreender as relações entre o ambiente educativo, as competências do Professor na sua gestão e as estratégias de gestão dos comportamentos, que visem a melhoria do processo ensino-aprendizagem e da relação pedagógica.

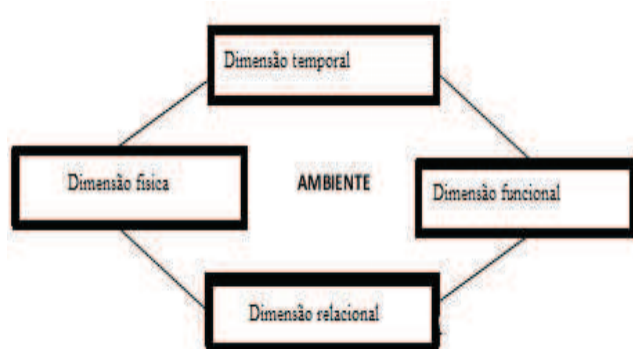
1.1. A qualidade do Ambiente Educativo

Diversos autores têm vindo a referir-se ao ambiente pedagógico como factor essencial à acção educativa, Brophy (1999) realizou um documento para a International Academy of Education e para o International Bureau of Education da UNESCO, demonstrando que, um clima de sala de aula orientado para a motivação, em que o programa curricular é explicitado pela clareza dos objectivos da aprendizagem em consonância com um discurso claro e coerente do professor, produz efeitos significativos no desempenho académico dos alunos (pp

7-11), o que reforça a abordagem de Perrenoud (1994) quando este refere que é necessário existir condições específicas para o ser humano aprender, pois apesar de esta capacidade lhe ser própria, exige estímulos e contextos externos que despoletem a aprendizagem do mesmo. (p. 82).

Segundo Forneiro (1998, p. 234) a organização do ambiente educativo é desenvolvida e concebida segundo a gestão do currículo, pressupondo a conjunção dos factores fulcrais para a sua qualidade. O ambiente, num sentido holístico, é considerado uma estrutura que é composta por quatro dimensões: a) Física, b) Funcional, c) Temporal e d) Relacional, como é demonstrado na figura 1.

Fig. 1: Dimensões do ambiente escolar



Fonte: Forneiro, 1998, p. 234

Neste sentido, cabe ao/a Professor/a ser sensível à harmonia entre espaço e materiais, tendo a capacidade de os tornar estimulantes e atraentes, promovendo assim a motivação e interesse pela vida escolar, assim como o bem-estar do grupo de alunos, e até do próprio docente.

Reflectindo sobre a questão do espaço, é possível constatar que este engloba características relacionadas com a decoração das paredes e painéis, luminosidade de origem artificial e natural, conforto das cadeiras e disposição dos mobiliários. A sala de aula

necessita de “(...) espaços amplos, bem diferenciados, de fácil acesso e especializados (facilmente identificáveis pelas crianças tanto do ponto de vista da sua função como das actividades que se realizam no mesmo).” (Zabalza, 1998, p. 50).

A organização do tempo é também uma das questões pertinentes e integrantes do ambiente educativo pois define a) o ritmo “vertiginoso ou moderado”, b) a dinâmica do dia-tipo “allegro vivace” ou “andante”, traduzindo-se no plano semanal, na realização de tarefas, rotinas, transições e interrupções. “O tempo, ou a velocidade com que são executadas as diferentes actividades, pode dar origem a um ambiente estressante ou, ao contrário, relaxante e sossegado.” (Zabalza, 1998, p.235).

1.2.Competências profissionais do professor

Arends (1995) considera que as competências essenciais do professor se centram fundamentalmente em quatro domínios, sendo estes referentes ao conhecimento que detém acerca do próprio ensino e dos processos de aprendizagem. O autor destaca a) o “repertório” adquirido pelos profissionais desde a sua formação inicial, b) a atitude democrática, c) a capacidade de resolução de conflitos, bem como a consciência que os seus conhecimentos devem ser continuamente actualizados – d) formação contínua.

Perrenoud (2000) salienta ainda que existem dez competências associadas à praxis do Professor, entendida como " capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situação" (p. 15):

Organizar e dirigir situações de aprendizagem – O Professor deve conhecer os conteúdos a desenvolver em cada disciplina, traduzindo-os em objectivos de aprendizagem, partindo das representações dos alunos e dos seus próprios erros. A construção e planificação de novos recursos didácticos são essenciais, bem como o envolvimento dos alunos em projectos de pesquisa.

Administrar a progressão das aprendizagens – Cabe ao Professor ter uma visão longitudinal dos objectivos de ensino-aprendizagem, recorrendo à observação e avaliação contínua, para que exista uma visão holística do percurso evolutivo dos alunos, a partir da qual são traçadas novas estratégias pedagógicas.

Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação – A heterogeneidade da turma é um dos maiores desafios para o Professor, por isso, é necessário que assegure a intencionalidade educativa das suas acções, focada na individualidade dos alunos, apoiando-os e promovendo o trabalho cooperativo entre os mesmos.

Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho – O Professor deve conseguir suscitar o desejo de aprender, movendo os meios necessários para que o aluno entenda o sentido do trabalho escolar, capacitando-o ainda para a auto-avaliação. É importante ainda, que os alunos sejam envolvidos nas decisões concernentes a regras, recompensas e acordos, podendo recorrer a reuniões para discussão destes itens.

Trabalhar em equipa – O/A Professor/a integra sempre uma equipa pedagógica, por esse motivo, é essencial que possua competências relacionadas com o sentido cooperativo, análise e reflexão de problemas, bem como partilha de saberes profissionais.

Participar da administração da escola – Elaborar, coordenar e dirigir uma escola, são funções que competem aos professores, no sentido que é necessário coordenar a escola tendo em conta o envolvimento de toda a comunidade escolar e com princípios e objectivos pedagógicos.

Informar e envolver os pais – A relação família-escola é fundamental, por isso o Professor deve ser o principal actor na construção de um ambiente de diálogo com os encarregados de educação, envolvendo-os em todos os processos e situações que favoreçam o percurso académico dos educandos.

Utilizar novas tecnologias – O/A Professor/a deve explorar as potencialidades didácticas dos programas em relação aos objectivos do ensino, utilizando-os em prol da pesquisa e conhecimento, promovendo projectos que articulem as diversas áreas.

Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão – O/A Professor/a tem como responsabilidade a prevenção da violência na escola e fora dela, bem como a luta contra qualquer tipo de discriminação. Deve ainda, ser participante activo na construção do conjunto de normas da instituição, reflectindo acerca das regras de conduta e sanções referentes ao desrespeito pelas mesmas.

Administrar sua própria formação contínua – A consciencialização que a formação é um processo de continuidade é uma ferramenta essencial que o/a Professor/a deve gerir. Para tal, é importante definir quais as áreas que necessita de actualizar, sensibilizando a restante equipa pedagógica para a promoção de novos percursos formativos.

1.2.1. Perfil do desempenho Profissional

A legislação vigente que se refere ao perfil específico de desempenho profissional (Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de Agosto), especificamente no que concerne à Concepção e desenvolvimento do currículo, refere que o/a professor/a do 1º CEB “desenvolve as aprendizagens” recorrendo aos saberes científicos de cada área, bem como aos conteúdos programáticos, tendo sempre em conta o aluno como ser individual. “Avalia, com instrumentos adequados, as aprendizagens dos alunos em articulação com o processo de ensino, de forma a garantir a sua monitorização, e desenvolve nos alunos hábitos de auto-regulação da aprendizagem”. O/a Professor/a do 1º CEB deve ainda promover nos seus alunos a cidadania democrática, construindo com estes as regras de convivência, respeito, colaboração e solidariedade, estimulando a “aprendizagem de competências socialmente relevantes”.

1.3. A Relação Pedagógica

A relação pedagógica é a relação humana estabelecida entre os intervenientes da sala de aula, que englobam todas as interacções entre professor e alunos, com características cognitivas e ao mesmo tempo afectivas. Desenvolve-se por meio da tarefa escolar, originando um vínculo que une os dois actores, sendo que está directamente dependente do ambiente construído pelo primeiro, tal como foi referido em 1.1., mas também pela empatia desenvolvida com os alunos, o que é possível através do respeito pela individualidade, a capacidade de escutar e compreender, bem como a promoção do respeito mútuo.

A expressão “relação pedagógica” é a união das duas palavras: relação e pedagogia.

Estrela (1992) apresenta o conceito “relação” afirmando que:

O substantivo relação raras vezes aparece isolado, aparecendo em geral acompanhado de um adjetivo que especifica a natureza dos elementos nela implicados: relação parental, relação amical [...]. É portanto o adjetivo pedagógico que constitui a diferença específica que permite distinguir a relação pedagógica de qualquer outro tipo de relação humana em geral e da relação educativa em especial. (Estrela, 1992, p. 29)

Para a autora, a relação pedagógica diferencia-se dos outros tipos de relação, inclusive as educativas, pois nesta dimensão, os intervenientes (Professor/a e aluno/a) são ligados pelas dimensões do conhecimento e do poder, condicionantes que marcam a natureza da mesma.

Nesta perspectiva, Estrela (1992) identifica cinco características da relação pedagógica em função dos seus condicionantes:

- Relação íntima entre saber e poder, o saber fundamentado e legitimando a delegação social recebida pelo professor;
- Assimetria, decorrente da superioridade do estatuto daquele que detém o saber e está encarregado da sua transmissão em relação àquele que é suposto não o deter e dele se deve apropriar;
- Carácter interessado da relação e da comunicação pedagógica proveniente da intencionalidade do acto pedagógico e do seu intento de influenciar e transformar o outro;
- Artificialismo das situações, criadas expressamente para maximalizar a comunicação/recepção do saber;
- Limitação imposta e não natural dos tempos e dos espaços em que ocorre a acção.

(Estrela, 1992, p. 40-41)

1.4.Comportamentos de Indisciplina

A indisciplina tem-se revelado como um dos principais obstáculos ao processo ensino-aprendizagem, pois “genericamente a indisciplina pode ser definida como o comportamento ou comportamentos que colidem com o vector primário da aula, que é o ensino (...)”, (Doyle, citado por Espelage & Lopes 2013, p. 42), o que interfere directamente nas inúmeras interações dentro e fora da sala de aula, além da forte influência nas próprias relações pedagógicas que são próprias dos contextos educativos.

Estrela (1986) distingue os comportamentos de indisciplina em três tipos, de acordo com os seus efeitos:

Comportamentos Perturbadores da comunicação – Este tipo de comportamentos disruptivos afectam essencialmente a relação pedagógica, pois incidem por vezes, em situações essenciais de escuta por parte da turma, mas também em situações em que são transmitidos conceitos, orientadas novas tarefas e/ou desenvolvidas actividades que necessitam de um ambiente que promova a sintonia entre o Professor e os alunos. As constantes conversas paralelas ao tema da sala de aula, brincadeiras, ruídos dos alunos e interrupções do discurso dos intervenientes afectam o diálogo.

Comportamentos Perturbadores do ensino-aprendizagem – As deslocações constantes em que os alunos saem do seu lugar para ir afiar o lápis, ir à casa de banho, e outras inúmeras razões associadas prejudicam bastante o ambiente educativo. A desconcentração das crianças e as brincadeiras são outros comportamentos que afectam o ensino-aprendizagem.

Comportamentos Perturbadores das relações interpessoais - Quando os conflitos de ordem física e/ou verbal interferem na normalidade dos hábitos sociais vigentes.

Ainda segundo Estrela (1992), estes comportamentos têm diferentes tipos de funções, nomeadamente:

Funções de proposição que visam transformar a situação num sentido favorável ao aluno; - funções de evitamento que se traduzem numa tentativa de fuga à tarefa; - funções de obstrução pois levam a uma ruptura parcial ou total do funcionamento da aula que afecta toda a turma; - funções de contestação que se concretizam pelo afrontamento directo da autoridade do professor; - funções de imposição originando novos instituídos que se opõem aos legalmente estabelecidos. (Estrela, 1992, p. 83)

Neste sentido, assumindo uma visão preventiva, de controlo e interventiva perante a indisciplina, na secção seguinte, serão exploradas e analisadas as diferentes estratégias pedagógicas na gestão dos comportamentos.

1.5. Estratégias Pedagógicas de Gestão dos Comportamento

Arends (1995) afirma que “(...) a gestão da sala de aula e a instrução estão interligadas/relacionadas. A gestão da sala de aula não é um fim em si mesma; é uma das funções do papel de liderança do professor” (p. 19).

Perante as situações de indisciplina e os comportamentos perturbadores da sala de aula, Estrela (1994) propõe a seguinte intervenção:

(...) adequação do currículo às necessidades e interesses dos alunos, da planificação cuidada, da variação de estímulos e de projectos capazes de suscitar entusiasmo e de canalizarem a energia do grupo para a produção do trabalho e para a realização de níveis elevados de aspiração. (p. 48)

Também o decreto de lei nº 270/98 de 1 Setembro determina, na SECÇÃO II – Competências, artigo 21º, que a regulação dos comportamentos na sala de aula é da responsabilidade do Professor, intervindo de forma estratégica em prol de um bom ambiente educativo e na construção cívica da turma.

1.5.1. Sugestões de Prevenção e Correção dos Comportamentos desadequados

As abordagens cognitiva e comportamental da psicologia têm vindo a revelar-se preciosas para a tarefa do/a Professor/a na gestão dos comportamentos na sala de aula. É essencial que os profissionais da Educação as considerem como sugestões, pois utilizá-las

crendo que são receitas infalíveis na resolução de conflitos e/ou extinção de um comportamento disruptivo poderá levar a grandes frustrações.

A análise destas abordagens resultou na informação que se apresenta no quadro 1:

Quadro 1. *Estratégias Pedagógicas de intervenção*

Acções preventivas	Acções correctivas	Estratégias comportamentais	Estratégias cognitivas
Aires, 2010 - Professor: modelo de não – agressão, - Regras claras e limites de comportamento, - Turma envolvida na aprendizagem, - Planificar o espaço Moraes & Balga, 2007 - Yoga em contexto escolar	Aires, 2010 - Professor sereno - Repertório de sanções - Impor penalizações - Consequências de grupo - Liderança consistente	Brophy & Good, citado por Picado (2009, p.5) - Reforço social Bandura, citado por Picado (2009, p.5) - Punição Estrela citado por Picado (2009, pp. 7-8) - Contracto comportamental - Extinção – ignorar um comportamento desadequado Slavin, 2006 - Lembretes repetitivos	Charlton & David, citado por Picado (2009, pp.8-9) - Role Playing - Auto-estudo Pinto citado por Picado (2009, p.9) - Discussão em grupo Fontana, citado por Picado (2009, p.9) - Reunião Professor-aluno

Quadro 1: Fonte própria, adaptação a partir de Aires (2010), Picado (2009), Slavin (2009) e Moraes & Balga (2007)

Em estudos dirigidos por Caeiro & Delgado (1995) e por Kounin (1970), em que foram observadas as práticas educativas de Professores/as com o objectivo de entender as suas estratégias de gestão dos comportamentos na sala de aula, delimitou-se um conjunto de características comuns, consideradas competências dos gestores eficazes, tal como se pode constatar quadro 2:

Quadro 2: *Gestão conveniente dos comportamentos dos alunos*

<ul style="list-style-type: none"> • “Olho” de lince – Detectar com rapidez o comportamento desadequado que se está a manifestar naquele preciso momento • Sobreposição – Detectar o (s) aluno (s) que agiu (agiram) de forma desadequada e/ou a situação de conflito gerada, e resolver a situação sem desestruturar as tarefas propostas • Investigação sobre a influência do contexto no comportamento – Realizar uma análise do ambiente educativo da própria sala, afim de sinalizar quias os factores que contribuem para os comportamentos desadequados dos alunos. Posteriormente, é possível criar uma intervenção que vise a sua resolução a longo prazo e também criar medidas de prevenção. • Capacidade para resolver um incidente grave • Encaminhamento do(s) envolvido(o) aos mediadores para a resolução de problemas, para que não se torne crónico

Fonte: própria a partir de Caeiro & Delgado (2005) e Kounin (1970) -

1.5.2. As Regras e os Contratos Pedagógicos

As regras são também um aspecto fundamental na regulação da sala de aula, uma vez que permitem criar as condições necessárias para a construção de um ambiente harmonioso, capaz de motivar, estimular e interessar o grupo de alunos. Para Arends (1995, p. 191), as regras são “afirmações que especificam as coisas que se espera que os alunos façam e não façam”. A definição destas regras pode ser feita de modos mais e menos participativos, podendo ser negociadas com os alunos, delimitadas a um número reduzido, registadas e expostas na sala de aula para poderem ser referenciadas e revistas sempre que existir necessidade para tal. Segundo Estrela (1994), um contrato comportamental é um acordo entre dois ou mais intervenientes, que visa homologar a responsabilidade para com os actos comportamentais, como também pelo reforço pela sua realização. Este acordo escrito funciona como estratégia para que o aluno tenha motivação na construção do seu autocontrolo comportamental, podendo envolver a participação de pais, professores e outros agentes educativos. Negociar com os alunos é uma das estratégias mais assertivas e coerentes, pois permite que estes se sintam activos e participativos no processo de aprendizagem e que as suas opiniões sejam importantes e válidas, o que é positivo para a aquisição do sentido de responsabilidade, (...) porque terão oportunidade de manifestar suas reacções e seus sentimentos diante das exigências que a escola impõe, na busca da construção de sua autonomia.” (Lima, 1995, p. 110). O debate sobre as regras de funcionamento da sala de aula proporciona ainda, uma responsabilidade acrescida, em que os alunos que as desrespeitam, quebrarão as regras construídas pelo grupo, e não as instituídas a partir do poder e autoridade do/a Professor/a.

A relevância destas regras torna-se ainda mais evidente na análise dos instrumentos criados para a sua clarificação e manutenção no decurso do trabalho de sala de aula, como se constata a seguir.

1.5.3. Instrumentos reguladores da sala de aula

O Movimento da Escola Moderna Portuguesa tem vindo a desenvolver um trabalho importante no que se refere à construção e adaptação de diferentes instrumentos que promovem a regulação do trabalho de sala de aula. O diário do grupo é um “instrumento de regulação formativa” (Niza, 2007, p.141), onde são registadas as ocorrências mais significativas do dia das crianças. O quadro 3 demonstra a sua organização e função:

Quadro 3: *Estrutura e organização do registo no Diário do grupo.*

O que não gostámos	O que gostámos	O que fizemos	O que vamos fazer
(...) recolhem os juízos negativos e positivos...sobre as ocorrências mais significativas ao longo da semana.” (Niza, 2007, p. 150).		Registo das actividades mais significativas que foram realizadas	“(...) destina-se ao registo de sugestões, aspirações e projectos a realizar.” (Niza, 2007, p. 150)

Fonte: própria a partir de Niza (2007)

Este instrumento é bastante importante para a regulação da vida do grupo pois permite “dar voz à criança e... promover a participação ativa... nos processos de tomada de decisões” (Garcia, 2010, p. 7). Através deste instrumento, e em especial da primeira coluna, é possível detectar, para posteriormente resolver, os conflitos, situações, medos e ansiedades das crianças.

O Conselho de Turma consiste numa reunião entre Professor e alunos, em que se discutem e analisam as práticas dos elementos da turma de forma dinâmica “para sustentar o interesse de um grupo tão jovem e diversificado” (Niza, 2007, p.154). Esta dinâmica é

bastante relevante na Gestão dos Comportamentos na sala de aula, pois permite resolver os conflitos existentes por intermédio da reflexão e da discussão conjunta. O Diário de grupo tem aqui um lugar fundamental pois é o guião orientador da reunião e permite ainda despoletar novas “(...) regras de convivência, que constituem as listas de decisões tomadas em conselho e que são fixadas na parede enquanto leis do grupo, a seguir democraticamente e só revogáveis em conselho.” (Niza, 2007, p. 153).

O Mapa das Tarefas e a Tabela dos Comportamentos são instrumentos que visam regular o ambiente educativo, integrando o desenvolvimento dos Conselhos de Turma de forma avaliativa.

O Mapa das Tarefas é um instrumento com intencionalidade educativa adequada à turma, que é utilizada como estratégia para promover a cooperação e responsabilidade individual e de grupo, bem como a partilha de tarefas necessárias à dinâmica da sala. O mesmo define as tarefas (por exemplo: arrumar a sala, ser delegado de turma, distribuir cadernos), estipulando os responsáveis pela concretização das mesmas num período de tempo.

Já a Tabela dos Comportamentos, é um instrumento de avaliação que tem como objectivo principal o registo diário das atitudes e acções das crianças durante o dia escolar.

1.6. Opções metodológicas

Relembrando que o presente relatório pretende contribuir para o estudo da relevância das competências do/a professor/a na gestão dos comportamentos e ambiente de sala de aula, interessa clarificar as principais características da metodologia utilizada.

Foi desenvolvida uma investigação de natureza qualitativa com uma dinâmica e um conjunto de objectivos que a aproximam da Investigação-Acção. Inicialmente analisei a sala de aula recorrendo à observação, identificando as situações que se apresentavam como sendo dinâmicas prejudiciais ao bom funcionamento da sala de aula; posteriormente, e de forma

progressiva, reflecti sobre os principais objectivos de uma intervenção orientada para a mudança, a qual fui implementando progressivamente.

Este tipo de estudo centra-se “(...) habitualmente, na melhoria da eficácia do grupo ou organização (produto/serviço), ou na melhoria do clima organizacional (colegialidade, envolvimento...)”, sendo que é realizado por intervenientes directamente envolvidos no contexto com a finalidade de “resolver questões práticas do quotidiano”. (Afonso, 2005, p. 75).

A investigação qualitativa em educação permite a mobilização de diferentes técnicas de recolha de dados em função de um conjunto de objectivos de intervenção. No caso da investigação que aqui se apresenta, a principal estratégia de recolha de dados foi a observação participante, pois fiz parte de um grupo de intervenientes dentro daquela sala de aula, de uma Equipa Pedagógica daquela instituição, que por sua vez se encontrava envolvida num determinado contexto sócio - económico.

O quadro que se segue sintetiza as principais estratégias de recolha de dados usadas ao longo da Prática de Ensino Supervisionada.

Quadro 4: *Estratégias de recolha de dados e suas principais características*

Técnicas de Recolha de dados	Objectivos	Breve descrição
Diário de Campo	<ul style="list-style-type: none">- Anotar e registar as ideias que fui tendo durante o período de observação e intervenção, para mais tarde reflectir na viabilidade das estratégias que listei.- Para integrar este relatório, selecionei apenas alguns excertos para representar algumas situações em que os comportamentos desadequados interferiram no clima da sala de aula.	“ (...) colectâneas de registos descritivos acerca do que ocorre nas aulas, sob a forma de notas de campo ou memorandos, (...) de observações estruturadas e registo de incidentes críticos.” (Altrichter et al., citado em Esteves, 2008, p. 89)

Tabela de frequência de incidentes críticos	- Observar durante duas semanas distintas a frequência de determinados comportamentos, realizando no final, duas tabelas quantitativas, para analisar em função da minha intervenção na sala de aula.	“Os incidentes são apresentados tal como os recolhemos, sem procedermos, portanto à sua análise, que nos levaria a separar a situação, os comportamentos observáveis e as inferências do narrador.” (Estrela & Estrela, 1994, p.15)
Inquérito por questionário	- Recolher as evidências acerca das concepções dos professores acerca dos comportamentos desadequados - Demonstrar as práticas correntes na instituição em relação ao meu objecto de estudo - Comparar as análises realizadas	(...) permite cobrir três áreas da recolha de informação. Pode centrar-se na recolha de dados sobre o que o respondente sabe (conhecimento ou informação). Pode orientar-se para o que o respondente quer ou prefere (valores ou preferências). Pode ainda seleccionar o que o respondente pensa ou crê (atitudes e convicções. (Tuckman, citado por Afonso, 2005, p. 103)
Fotografias	- Registar a imagem de diferentes situações - Registar a imagem dos instrumentos construídos Este registo concerne especialmente a estratégias que implementei dentro e fora da sala de aula, enquanto Plano de Intervenção.	“(…) as imagens registadas não pretendem ser trabalhos artísticos, apenas documentos que contenham informação visual disponível para mais tarde, depois de convenientemente arquivadas, serem analisadas e reanalisadas (...)” (Esteves, 2008, p. 91)
Notas de Campo	- Descrever as situações da forma como foram observadas - Analisar, inferindo conforme o meu conhecimento adquirido	“(…) incluem a) registos detalhados, descritivos e focalizados do contexto, das pessoas (retratos), suas acções e interacções (trocas, conversas), efectuados sistematicamente, respeitando a linguagem dos participantes nesse contexto.” (Spradley, citado por Esteves, 2008, p. 88)

Esta investigação desenrolou-se pelas seguintes fases:

- Fase 1: Observação (Registo de um Diário de Campo, registos propostos pelo guião da PES)
- Fase 2. Identificação do problema

Surgimento das questões de partida

- Que estratégias pode o professor utilizar para prevenir e/ou ter controlo dos comportamentos desadequados da turma?
 - A intervenção do professor noutros espaços/situações da escola é relevante para a gestão comportamental dentro da sala de aula?
- Recolha de dados (Inquéritos aos professores para compreender as práticas correntes, registo de incidentes críticos)

- Fase 3. Intervenção – (Estratégias de gestão do ambiente e dos comportamentos em sala de aula que criei e implementei dentro e fora da sala de aula)
- Fase 4. Avaliação (Comparação das tabelas de frequência de incidências durante dois períodos de tempo, reflexão acerca da minha intervenção à luz dos autores de referência), pois na perspectiva de McKernan (citado por Esteves, 2008, p. 20), a

Investigação-acção é:

Um processo reflexivo que caracteriza uma investigação numa determinada área problemática cuja prática se deseja aperfeiçoar ou aumentar a sua compreensão pessoal. Esta investigação é conduzida pelo prático – primeiro, para definir o problema; segundo, para especificar um plano de acção -, incluindo a testagem de hipóteses pela aplicação da acção ao problema. (Esteves, 2008, p. 20)

Os dados recolhidos revelaram-se bastante úteis e representativos do contexto escolar onde desenvolvi a PES, orientando-me na criação da distância crítica necessária ao desenvolvimento de uma atitude reflexiva perante o acto pedagógico. Nos capítulos seguintes, serão analisados, de forma cuidada e respeitadora do seu conteúdo e validade, os dados recolhidos.

Capítulo II

Caracterização do contexto institucional e comunidade envolvente

Depois do tema e objecto de estudo apresentados no capítulo anterior, este capítulo pretende contextualizar a Instituição e suas especificidades, o que justificará o interesse manifestado pelos mesmos.

É importante referir que organizei o enquadramento da instituição tendo em conta o tipo de funcionamento (valências, horários, número de crianças e agentes educativos), a descrição das suas infra-estruturas, recursos materiais, e o Projecto Educativo, Programas e Metas que orientam a acção educativa. O meio envolvente é descrito, evidenciando as suas características demográficas e geográficas. De seguida realizo uma abordagem geral que descreve e relata as práticas correntes na gestão do ambiente educativo, bem como as estratégias utilizadas pelos/as Professores/as na resolução dos problemas existentes, associados aos comportamentos desadequados dos alunos

2.1. A Instituição

A Instituição onde desenvolvi a Prática de Ensino Supervisionada é da responsabilidade do Ministério da Educação, pertencente a um Agrupamento de Escolas em Lisboa, que abrange as valências desde o Pré-Escolar ao 3º Ciclo de Ensino Básico.

Devido à área em que se situa, bem como à prevalência de situações problemáticas relacionadas com o insucesso e absentismo escolar dos alunos, este é um Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP) - medida política educativa do despacho 147-B/ME/96, que pressupõe uma intervenção num espaço geográfico, com o intuito de combater problemas de exclusão social e educativo.

2.1.1 Funcionamento

Esta escola tem duas salas de Educação Pré-Escolar com lotação de 28 crianças dos três aos seis anos, e quatro turmas do 1º CEB onde se integram os 81 alunos que frequentam desde o 1º ao 4º ano de escolaridade, existindo uma turma de cada ano curricular.

O horário de funcionamento geral é das 8:00h às 19:00h, sendo que na abertura as crianças inscritas ficam sob a responsabilidade da Componente do Apoio à Família (CAF)³, das 9:00h às 16:00h funcionam as aulas, das 16:00h às 17:30h funcionam as Actividades de Enriquecimento Curricular (Educação Musical, Expressão Plástica, Expressão Físico-Motora e Inglês), e das 17:30h às 19:00h o Projecto Intervir⁴.

2.1.2. Recursos Humanos da instituição

Os recursos humanos existentes são: duas Educadoras de Infância, duas Assistentes Operacionais do Pré-Escolar, quatro Professoras com Turma (recente denominação que veio substituir a extinta - “Professor Titular”), um Professor da Turma Mais⁵, uma Professora de Necessidades Educativas Especiais, uma Professora de Apoio Pedagógico, quatro Professoras das Actividades Extra Curriculares, duas Assistentes Operacionais do 1º CEB, três Monitoras da Componente do Apoio à Família (CAF) e Projecto Intervir, três Funcionárias da Empresa responsável pelo serviço de cozinha e refeitório.

³ A Componente de Apoio à Família (CAF) é uma resposta social às crianças e às famílias, prevista nas disposições legais em vigor que reforça a generalização do conceito de escola a tempo inteiro e engloba uma componente para a educação pré-escolar e outra para o 1º ciclo do ensino básico. A CAF consiste na realização de atividades de caráter lúdico-pedagógico, definidas e avaliadas pela entidade executora em parceria com o Agrupamento de Escolas. <http://www.cm-lisboa.pt/viver/educacao/dentro-da-escola/componente-de-apoio-a-familia>

⁴ É um programa de prevenção de comportamentos de risco, que visa promover o reforço de factores de protecção e desenvolver competências das crianças, jovens, famílias e outros agentes educativos. É desenvolvido em parceria com as Juntas de Freguesia, que se candidatam com projetos, mediante apoio técnico e financeiro por parte da CML. <http://www.cm-lisboa.pt/viver/intervencao-social/comportamentos-de-risco>

⁵ A «TurmaMais» é uma tipologia do Programa “Mais Sucesso” que se caracteriza por utilizar pedagogias diferenciadas e formas diversificadas de organização do grupo turma, permitindo um trabalho colaborativo através de parcerias pedagógicas. Esta pode ser encarada como medida preventiva, interventora ou compensadora, de acordo com a tipologia de cada aluno envolvido. <http://www.dge.mec.pt/turma-mais>

2.1.3. Estrutura física da instituição

O edifício da escola está organizado em dois pisos. O inferior acolhe as instalações da Educação Pré-Escolar (três salas, gabinete, casas de banho e átrio), biblioteca, arrecadações, cozinha, refeitório, ginásio e recreios; enquanto no 1º andar, encontram-se as salas do 1º ao 4º ano, salas de professores, NEE, AEC, INTERVIR, secretaria e arrecadações.

A instituição, apesar de ter cerca 14 anos de existência, não se encontra em pleno estado de conservação, pois apresenta algumas anomalias relacionadas com a própria construção do edifício, bem como avarias provenientes da má utilização e falta de manutenção regular dos espaços e materiais.

2.1.4. Documentos reguladores da instituição

Cada docente é responsável pela gestão do currículo, tendo como referência as Orientações Curriculares para o Pré-Escolar e os Programas/Metas do 1º CEB - documentos que definem as áreas de conhecimento/disciplinas a integrar na acção educativa, propondo um conjunto de objectivos e conceitos a desenvolver com determinado nível de ensino durante o ano lectivo.

Para além dos documentos referidos anteriormente, é fulcral referir a importância do Projecto Educativo do Agrupamento, que esclarece os docentes acerca da missão educativa que lhes é atribuída e que os contextualiza sobre os múltiplos elementos das escolas integradas no mesmo (finalidade educativa, objectivos, corpo docente e não docente, recursos materiais, meio envolvente, identidades parceiras, etc.). É de extrema relevância referir que alguns objectivos do mesmo estão associados ao meu problema de estudo, pois foram definidos tendo em conta a caracterização do público-alvo, relacionando-se deste modo com

preocupações para com as questões de sociabilidade, responsabilidade e autonomia dos alunos.

Neste documento do Agrupamento⁶ são identificadas as principais preocupações Pedagógicas que se relacionam com os princípios orientadores desta Instituição, que são fundamentalmente orientados para o desenvolvimento da sociabilidade, responsabilidade e autonomia dos alunos em prol da redução do absentismo escolar e da aquisição de métodos de trabalho.

Existem outros documentos essenciais à gestão do Currículo, que pressupõem a articulação com o Projecto Educativo, nomeadamente o Plano Anual de Actividades, o Regulamento Interno e o Plano de Turma.

2.1.5. O Meio envolvente

Enquanto observadora diária da vida bairro-escola⁷, cabe-me referir, que as situações de violência entre a vizinhança são constantes. Esta situação reflecte-se no ambiente educativo da escola, e também na concepção de resolução dos conflitos por parte das crianças. Os pais não evitam os confrontos físicos e verbais à porta da escola, sendo que muitos advêm de queixas dos seus educandos.

A identidade social dos residentes provém desde a extinção do antigo bairro onde eram residentes, conhecido a nível internacional pelo tráfico e consumo de estupefacientes, bem como pelas desumanas condições de habitabilidade, pois viviam maioritariamente em barracas.⁸

⁶ Fonte: <http://agescolasmanuelmaia.net/portal/index.php/documentos>

⁷ Trabalho como Assistente Operacional há treze anos neste Agrupamento de Escolas

⁸ Para maiores detalhes sobre esta situação, poderá consultar-se o dossier da PES, na secção Caracterização da Instituição, que se encontra no CD-ROM em anexo)

2.1.6. Práticas correntes de gestão do ambiente educativo

A Equipa Pedagógica deste Agrupamento TEIP, e especificamente desta instituição, integra profissionais bastante sensíveis aos problemas dos alunos, movendo todos os meios possíveis para rentabilizar em todas as suas potencialidades a missão de educar/ensinar, facto que tenho vindo a observar ao longo destes anos a trabalhar como Assistente Operacional, pois exerci esta função em todas as escolas do Agrupamento desde o Pré-Escolar até ao 3º CEB. As estratégias pedagógicas visam essencialmente a redução do absentismo e insucesso escolar, mas também a prevenção dos comportamentos de risco, objectivos que estão presentes no Projecto Educativo, tal como referido em 2.1.4.

Segundo a minha experiência enquanto agente educativo desta instituição e também a partir dos relatos dos Professores, o maior desafio diário é a gestão dos comportamentos dos alunos em prol da harmonia do ambiente educativo, condição chave para a construção de um clima propício à aprendizagem. As agressões entre as crianças são bastante frequentes, as ofensas verbais são uma constante, as situações de furto contínuas e o vandalismo dos espaços, e materiais escolares são evidentes. É neste sentido que a equipa Docente define algumas estratégias de actuação, umas de foro colectivo e outras específicas a cada sala de aula.

Ao longo do estágio beneficiei da relação profissional que já tinha com a Equipa Pedagógica, tendo por isso a oportunidade de observar as dinâmicas das salas de aula das quatro Professoras/turmas, mas também discutir com estas sobre as estratégias que utilizam na gestão do ambiente educativo.

Com o objectivo de aprofundar a minha compreensão sobre o modo como os professores tentam resolver estes problemas, realizei um inquérito por questionário (Anexo I) às quatro docentes que têm turma e a duas docentes de Apoio Pedagógico e Ensino Especial, no qual

quis compreender quais as suas práticas correntes que se refere à Gestão dos

Comportamentos em Sala de Aula – tema central deste relatório.

O questionário foi aplicado a seis professores⁹, tendo sido recolhidos seis questionários válidos. Organiza-se em quatro partes: I - Apreciação da gravidade dos comportamentos desadequados dos alunos, II - Frequência da ocorrência de comportamentos desadequados, III- Estratégias utilizadas na gestão dos comportamentos e IV - Apreciação global da gestão dos comportamentos em sala de aula.

A seguir apresenta-se uma síntese dos dados recolhidos.

2.1.6.1. Apreciação da gravidade dos comportamentos desadequados dos alunos

O grupo I. do inquérito tinha o objectivo de perceber a gravidade que os professores atribuem aos comportamentos que fui observando ao longo da PES. A tabela 1 apresenta as respostas dos seis Professores a esta questão:

Tabela 1. *Resultado da análise dos seis inquéritos sobre a percepção da relevância dos comportamentos*

Comportamentos/ percepção da sua relevância	Não é desadequado	Desadequado, mas não é grave	Desadequado	Desadequado e não tolero	Desadequado e fortemente punível
Fugir da sala de aula	-	-	3	2	1
Correr dentro da sala de aula	-	-	3	3	-
Levantar sem pedir autorização	-	2	3	1	-
Interromper os colegas e/ou adultos quando estão a falar	-	2	4	-	-
Baloçar a cadeira	-	2	4	-	-
Agredir física ou verbalmente os colegas/adultos	-	-	-	3	3
Recusar a realização das tarefas propostas	-	-	3	3	-
Brincar na sala de aula	-	-	5	1	-
Gritar, chorar e fazer birras	-	-	2	3	1
Estragar materiais	-	-	1	3	2
Riscar e desenhar na mesa	-	-	3	2	1

Fonte: própria

⁹ Para maiores detalhes sobre a aplicação dos inquéritos, poderá consultar-se o dossier da PES, na secção - Material Empírico, que se encontra no CD-ROM em anexo.

Após a análise destes dados, organizei as principais conclusões no quadro 5, referentes à tabela 1. :

Quadro 5: *Principais conclusões referentes à tabela 1.*

- Todos os comportamentos foram considerados na escala entre os números 2 e 5 de gravidade. O número 1 – não considero desadequado não foi opção de nenhum inquirido.
- Grande parte das atribuições de gravidade dos comportamentos são predominantes no número 3 – considero desadequado, existindo 31 registos de escolha nesta coluna.
- O número 4 – considero desadequado e não tolero apresenta 21 registos totais, seguindo-se de 8 e 6 registos referentes ao número 5 – considero bastante grave e fortemente punível e ao número 2 – considero desadequado, mas não é grave respectivamente.
- Considerando a Moda (maior número de professores que teve como opção determinado valor da escala) é possível destacar que os comportamentos considerados 3 - desadequados são todos excepto “Correr dentro da sala” e “Recusar a realização das tarefas propostas”, em que as opiniões se dividiram entre 3 - considero desadequado e 4 - considero desadequado e não tolero; “Agredir física ou verbalmente os colegas e/ou adultos” foi categorizado (também dividindo as opiniões) como 4 - considero desadequado e não tolero e considero 5 - bastante desadequado e fortemente punível. É importante referir que este último é o único que terá sido considerado o mais grave de todo o conjunto, pois atingiu o número de três professores a atribuírem-lhe o número 5 de gravidade.

Fonte: própria

2.1.6.2.Frequência da ocorrência de comportamentos desadequados

No grupo II do inquérito – Frequência da ocorrência de comportamentos desadequados, sugeri aos Professores que, tendo em conta a semana em que se encontravam a realizar o presente inquérito, determinassem a frequência da ocorrência dos comportamentos que observaram na sua sala de aula e a forma como resolveram a situação. Foi utilizado o mesmo conjunto de comportamentos desadequados constante na tabela anterior.

As principais conclusões que foram evidenciadas são as representadas no quadro 6:

Quadro 6: *Frequência dos comportamentos nas salas de aula constantes na tabela 1*

- Os Comportamentos que ocorreram mais vezes e com mais que um aluno são: Brincar na sala de aula (4), levantar sem pedir autorização (3), interromper os colegas e/ou adultos quando estão a falar (3), recusar a realização das tarefas (3)
- Os Comportamentos que menos ocorreram, mas mais que uma vez e com mais que um aluno são: Correr dentro da sala de aula (1), riscar e desenhar na mesa (1)
- Os Comportamentos que não ocorreram foram: Fugir da sala (0), gritar, chorar e fazer birras (0)
- Os Professores resolvem estas situações das seguintes formas: conversa com o aluno, repreender oralmente, a “ralhar”, utilizar o silêncio como aviso, relembrar as regras, punir com a não ida ao recreio, escrever na caderneta ao encarregado de educação, explicar as consequências dos actos, “descer a fasquia de uma actividade”, aplicar uma consequência.

Fonte: própria

2.1.6.3. Estratégias utilizadas na gestão dos comportamentos

No grupo III do inquérito pretendi saber com que frequência os Professores aplicam determinadas estratégias de prevenção/intervenção perante os comportamentos desadequados que ocorrem na sua sala de aula.

As estratégias que seleccionei tiveram como base a minha própria concepção sobre as possibilidades na gestão dos comportamentos, adquirida através das experiências em diversos contextos escolares e com diversos Professores e Educadores, mas também da Formação académica e da relação com a revisão de literatura apresentada no cap. 1

Quadro 7: *Estratégias propostas no inquérito aos Professores com integração da informação do quadro 1*

Estratégias propostas no inquérito	Autores de referência
Conversar individualmente com o aluno (depois da aula)	Reunião Professor-aluno - Picado (2009)
Interromper a aula para repreender o comportamento de um aluno (durante a aula)	Lembretes repetitivos – Slavin (2009)
Reorganizar a sala (disposição das mesas e lugares dos alunos)	Planificar o espaço – Aires (2010)
Utilizar a linguagem não-verbal (fixar o olhar, fazer silêncio, fazer gestos)	“Olho de lince” - Kounin (1970) Professor sereno – Aires (2010)
Implementar instrumentos reguladores (diário de turma, tabela dos comportamentos e mapa das tarefas)	Niza (2007)
Negociar as regras da sala com a turma (recompensas e consequências)	Regras claras e limites de comportamento Consequências de grupo (Aires 2010) Contrato comportamental – Picado (2009), Estrela (1992)
Fazer reuniões de turma (para discutir e resolver questões)	Discussão em grupo Picado (2009)
Reforçar positivamente os comportamentos adequados (valorizar estes ao invés de criticar somente os desadequados)	Reforço social – Picado (2009)
Dinamizar actividades mais lúdicas	Turma envolvida na aprendizagem – Aires (2010)
Punir o(s) aluno(s) com o não usufruto do tempo de recreio	Punição – Picado (2009)
Ouvir as opiniões das crianças acerca da minha acção	Auto – estudo – Picado (2009)

Fonte: própria

Tendo em conta a escala: Sempre, habitualmente, raramente e nunca, as principais conclusões obtidas a partir do tratamento de dados foram organizadas no quadro 8:

Quadro 8: *Frequência da aplicação de estratégias pedagógicas nas salas de aula*

- Todas as estratégias são utilizadas pelos Professores
- A frequência de aplicação das estratégias no total é em primeiro lugar - habitualmente (31), em segundo sempre (23), raramente (12) e nunca (0)
- A Moda de aplicação das estratégias dos Professores é a seguinte: Conversar individualmente... (3) – sempre e (3) – habitualmente; Interromper a aula... (4) – habitualmente; Reorganizar a sala... (3) – habitualmente; Utilizar linguagem não-verbal... (3) – sempre; Implementar instrumentos... (3) – sempre; Negociar as regras... (3) – sempre; Fazer reuniões... (3) – habitualmente; Reforçar positivamente os comportamentos... (3) – sempre e (3) – habitualmente; Dinamizar actividades mais lúdicas (5) – habitualmente; Punir... (4) – raramente; Ouvir as opiniões... (3) – sempre e (3) – habitualmente
- Os Professores apresentam mais consenso nas suas opções, tendo em conta o factor estratégia-frequência nos seguintes itens:
- Cinco Professores dinamizam actividades mais lúdicas habitualmente
- Quatro Professores interrompem a aula para repreender o comportamento de um aluno (durante a aula) habitualmente
- Quatro Professores punem o aluno com o não usufruto do tempo de recreio raramente
- Apenas um Professor utiliza raramente as seguintes estratégias: utilizar a linguagem não-verbal (fixar o olhar, fazer silêncio, fazer gestos), implementar instrumentos reguladores (diário de turma, tabela de comportamentos e mapa das tarefas), negociar as regras da sala com a turma (recompensas e consequências) e fazer reuniões de turma (para discutir e resolver questões).

Fonte: própria

2.1.6.4. Apreciação global da gestão dos comportamentos em sala de aula

No grupo IV do inquérito, os Professores caracterizam o ambiente educativo da sua sala, reflectem nos factores que se correlacionam com os comportamentos desadequados dos seus alunos e comentam o problema da Gestão dos comportamentos em sala de aula à luz da sua experiência.

2.1.6.4.1. Como caracteriza o ambiente educativo da sua sala de aula?

Depois de uma análise global das suas respostas é possível referir que destacam as relações interpessoais como fundamentais para um bom ambiente educativo e como conseguinte para o processo ensino-aprendizagem. As caracterizações são distintas pois umas salas de aula são favoráveis à aprendizagem e outras menos propícias à aquisição de novos conceitos e conteúdos:

P1: “Tento criar um ambiente acolhedor em que eles se sintam à vontade para fazerem perguntas (...)”

P4: “Pouco propício à aquisição de competências e conteúdos que proporcionem sucesso nas aprendizagens.”

São demonstradas práticas que evidenciam os principais factores para a construção de uma relação pedagógica consistente – um ambiente educativo assente na compreensão, diálogo, tolerância, firmeza e respeito:

P6: “ (...) que os alunos vejam em mim, lealdade, tolerância, compreensão e firmeza para que a nossa relação se baseie na amizade, no respeito mútuo (...)”

O cumprimento de regras é referido como essencial e as interrupções pela parte dos alunos, como obstáculo do ritmo do trabalho na sala de aula:

P1: “(...) Os alunos têm de conhecer as regras básicas de estar dentro da sala.(...)”

P5: “(...) há um ambiente educativo favorável à aprendizagem, porém, há muitas interrupções e muitas quebras no ritmo de trabalho.”

2.1.6.4.2. Que factores considera quando reflecte nos comportamentos dos seus alunos?

Após a análise das respostas dos inquiridos, considero que elas apresentam uma grande dispersão. Alguns professores reflectem apenas sobre o aluno individual, outros somente sobre a atitude do Professor e ainda há quem considere os dois intervenientes na origem de determinados comportamentos. Parece existir uma atribuição externa visível na culpabilização do contexto familiar e socioeconómico da criança, bem como à sua estabilidade emocional:

P2: “Tenho em conta os factores familiares, o meio socio económico e a estabilidade emocional de cada aluno.”

P4: “Sobretudo factores emocionais e de ordem familiar.”

No entanto, existem menções do papel do Professor no que concerne à gestão da sala de aula, na organização do espaço e ao sentido crítico e reflexivo da sua praxis educativa:

P3: “Quando penso no comportamento dos meus alunos, considero o ambiente da sala de aula. Se a forma de organização da mesma está adequada àquele grupo de trabalho (se as cadeiras estão dispostas de forma correcta e se está visualmente atraente). Faço também uma reflexão sobre a minha postura em sala de aula, nomeadamente nos seguintes aspectos: se consegui manter um ritmo de aula adequado, se consegui manter relações interpessoais positivas e se consegui motivar e manter o interesse do grupo turma.”

São referidos factores associados à comunicação e diálogo com os alunos na tentativa de compreender a origem dos comportamentos desadequados. Há a referência de duas situações de gestão dos comportamentos, uma delas considerada pelo inquirido como uma estratégia pouco adequada:

P1: “Quando perdemos a cabeça ou gritamos, no momento pode resultar, mas não é uma estratégia adequada. Cria sempre um ambiente de grande tensão dentro da sala de aula.”

P6: “ (...) Reflecto sempre com os alunos e faço-os ter consciência das suas atitudes, quando os alunos ficam sem brincar como punição converso com eles de maneira a não voltarem a repetir esses comportamentos.”

2.1.6.4.3. Como se sente em relação à questão da “Gestão dos Comportamentos na sala de aula”?

Depois da análise das respostas dos Professores, é possível referir que parte dos inquiridos continua a focar a sua atenção nos comportamentos dos alunos, sem mencionar a questão do seu papel enquanto gestor. Destacam fundamentalmente o papel da família, os modelos por si transmitidos e a desvalorização gradual da autoridade do Professor, como causas dos comportamentos de indisciplina:

P1: “Os comportamentos das crianças são o reflexo daquilo que vivem em casa. As famílias estão a passar por uma crise e isso reflecte-se na escola.”

P2: “(...) os alunos e encarregados de educação não valorizam o papel e a autoridade do professor.”

P6: “ (...) Os pais/encarregados de educação têm um papel crucial na vida dos educandos e nem sempre estão presentes e acompanham os seus filhos (...)”

A Gestão dos comportamentos da sala de aula é definida como um “desafio diário”, “desgastante” e “difícil”, sendo necessário “um esforço quase sobre-humano”, em que existe o sentimento de “impotência”. Neste sentido, são referidas duas práticas que contribuem para o sucesso nesta intervenção pedagógica do Professor e que são duas das competências que Perrenoud (2000, pág. 15) refere como essenciais – Administrar a sua própria formação contínua e Trabalhar em Equipa.

P3: “No início do ano lectivo, senti necessidade de formação nesta área, nomeadamente no que concerne ao conhecimento de estratégias para prevenir e lidar com situações

problemáticas. Desta forma, iniciei uma pós-graduação em Gestão de conflitos em Contexto escolar.”

P6: “(...)Nem sempre é fácil gerir os problemas de comportamento na escola, daí ser muito importante haver união e um bom ambiente de trabalho nas escolas entre professores, técnicos e assistentes operacionais para juntos gerirem esses problemas.”

Os comportamentos desadequados das crianças na sala de aula apresentados nesta última secção do presente capítulo são de facto reveladores de indisciplina, pois segundo Estrela (1986) têm efeitos perturbadores na comunicação, na aprendizagem e nas relações interpessoais. Demonstram ainda, o desejo que os alunos têm em não desenvolver determinada tarefa – “fuga””, bem como a tentativa de testar a autoridade do Professor afim de destabilizar a restante turma para “(...) transformar a situação num sentido favorável (...) para si próprio (Estrela, 1992, p. 83).

Capítulo III

A Prática de Ensino Supervisionada (PES) na instituição

No presente capítulo pretendo apresentar os desdobramentos da minha actividade pedagógica, que, tal como referi em 1.6., aproximaram-se de uma Investigação-Acção, na medida que pressupôs uma intervenção posterior à observação e análise dos comportamentos desadequados, orientada para a melhoria do ambiente educativo.

3.1.Características do contexto de estágio que conduziram à escolha do tema de investigação

No dia 24 de Novembro de 2014 iniciei a Prática de Ensino Supervisionada numa turma de 2º ano de escolaridade, tendo como Professora Cooperante a Coordenadora da Instituição.

No início do estágio o grupo era constituído por dezanove crianças, sendo que durante os meses de Fevereiro e Março integraram no mesmo mais duas crianças, perfazendo vinte e um alunos, nove raparigas e doze rapazes.¹⁰

Como seria de prever, determinados aspectos particulares do enquadramento da turma não eram totalmente desconhecidos para mim, pois além de conhecer a maior parte dos alunos desde a Educação Pré-Escolar, acompanhava os mesmos nas rotinas escolares não formais.¹¹ Durante os recreios, os alunos desta turma destacavam-se pela sucessividade das brigas, desrespeito pelas normas, confrontos verbais com os adultos e brincadeiras turbulentas; à hora de almoço fugiam dos seus lugares sem comer o mínimo desejável,

¹⁰ Para maiores detalhes sobre a caracterização do grupo, poderá consultar-se o dossier da PES, que se encontra no CD-ROM em anexo.

¹¹ Trabalho neste Agrupamento de Escolas desde o ano lectivo 2003/2004, e nesta instituição desde o ano lectivo 2009/2010. Sou Assistente Operacional (Auxiliar de Acção Educativa), o que pressupõe a responsabilidade por um conjunto de funções, dentro das quais – dar assistência às salas de aula e supervisionar as crianças nos contextos escolares não formais.

entornavam as sopas dos colegas, brincavam com os copos e pratos acabando mesmo por os partir, e por não conseguirem permanecer sentados como os demais.

Durante o período de observação do ambiente educativo, detectei algumas dinâmicas prejudiciais ao bom desenvolvimento da relação pedagógica, afectando essencialmente o processo ensino-aprendizagem. As principais falhas eram de carácter comunicativo e normativo, tanto na interacção professor-aluno, como aluno-aluno, o que se revelava pelo tipo de acontecimentos dentro e fora da sala de aula, mais concretamente o aumento e continuidade de conflitos sucessivos. A ausência de um conjunto de normas/regras que definissem o funcionamento e organização do espaço, tempo e interacções contribuía negativamente para o ambiente educativo da sala de aula.

Observam-se comportamentos sociais desadequados, nomeadamente baseados no conflito, desacordo e confrontos verbais e físicos, em especial entre rapazes. Existe bastante movimento na sala, aliás, muita agitação na sala de aula. Levantam-se constantemente sem qualquer motivo, para além que fogem da sala, rastejam no chão e baloiçam as cadeiras.

A seguinte observação do Diário de Campo foi registada durante a Semana de Observação da PES, no dia 26 de Novembro de 2014, pelas 9h50mn, na sala de aula. Serve a presente, para ilustrar as situações acima descritas:

Observação: A sala parece uma anarquia. Todos estão em pé, todos falam alto! O D. já bateu no DS e a E. chora porque tem fome. O M. fugiu da sala e a S. já o veio trazer de novo.

Inferência: O facto de não existir uma clareza das regras a cumprir dentro e fora da sala de aula, faz com que as crianças testem os seus limites cada vez mais, não por apenas serem desafiadoras, mas porque inconscientemente necessitam da "barreira" externa por parte do adulto para desenvolverem o seu autocontrolo e a sua consciência perante os seus actos.

Este tipo de situações era bastante recorrente, motivo que me levou a registar num período de tempo a frequência dessas ocorrências, para posteriormente comparar a evolução das mesmas a par da minha intervenção em sala de aula. (Anexo II e Anexo III)

Segundo Estrela & Estrela (1994) “os incidentes são apresentados tal como os recolhemos, sem procedermos, portanto à sua análise, que nos levaria a separar a situação, os comportamentos observáveis e as inferências do narrador.” (p.15), motivo pelo qual os considerei somente indicadores observáveis que me levariam a uma frequência absoluta de ocorrência.

As tabelas de Frequência de Incidentes Críticos são o reflexo de um registo diário das 9:00 às 10:30, das 11:00 às 12:30, e das 14:00 às 16:00 (5 horas), no contexto de sala de aula onde integram as 21 crianças do 2º ano do ensino básico. Os valores referem-se à ocorrência dos comportamentos, independentemente dos seus protagonistas.

Qualquer uma das tabelas incide num período de tempo onde já decorria a minha intervenção específica para o problema da Gestão dos Comportamentos na sala de aula desde o dia 10 de Dezembro de 2014, quando implementei pela primeira vez a utilização do software ClassDojo, como ferramenta de regulação e avaliação dos comportamentos, não retractando assim o ambiente educativo sentido antes dessa data.

3.2. A minha intervenção pedagógica orientada para a melhoria do ambiente educativo

Nesta perspectiva, tendo como principais objectivos a melhoria do ambiente educativo e o aumentar dos meus conhecimentos e competências sobre as estratégias de gestão dos comportamentos em sala de aula, propus à professora Titular, e posteriormente à turma, a resolução conjunta deste obstáculo perturbador do grupo, respeitando com equidade todos os deveres e direitos dos intervenientes interessados.

A primeira questão de partida, mas também dimensão de intervenção, surgiu desta intencionalidade de querer contribuir para a qualidade do ambiente educativo:

- Que estratégias pode o professor utilizar para prevenir e/ou ter controlar os comportamentos desadequados da turma?

Deste modo tracei um Plano de Acção a iniciar no dia 5 de Janeiro de 2015 que se traduz sintetizadamente no planeamento figurado no tabela quadro 9:

Quadro 9: *Plano de intervenção em sala de aula de Janeiro a Março de 2015*

Intervenção	Janeiro	Fevereiro	Março
	Estratégias Pedagógicas		
Sala de Aula	<ul style="list-style-type: none"> • Conjunto de instrumentos reguladores: Mapa das Tarefas, BD das regras, Plano Semanal, Diário de Turma, Reunião de Turma, Software ClassDojo • Actividades lúdicas • Actividades no âmbito da Formação Pessoal • Negociação de regras, contractos comportamentais, recompensas e consequências 		

Fonte própria

Este conjunto de estratégias que delineeii teve em conta as principais necessidades do grupo e tiveram como principais objectivos a) a regulação do ambiente educativo, b) a avaliação dos comportamentos, c) o estímulo do interesse pelas tarefas da sala de aula, d) a promoção de valores de cidadania.

A primeira fase da minha intervenção reuniu um conjunto de estratégia essencialmente focadas na concepção e construção de instrumentos que permitissem regular o dia-tipo, de forma a definir normas no grupo, mas também a apelar à importância da avaliação no sentido mais lato da palavra, uma vez que só a partir desta se atingiria a responsabilidade colectiva e a reflexão nas atitudes.

Tal como demonstrei no Capítulo I através de Estrela (1994) e Arends (1995) tanto as regras como os contratos comportamentais são fundamentais pois especificam claramente o que é aceitável ou não a criança fazer. As regras deverão ser debatidas entre Professor e alunos, registadas e afixadas para que sejam visíveis por todos.

Neste sentido, e seguindo a sugestão da minha Supervisora da PES, propus aos alunos a construção de instrumentos reguladores inspirados nos materiais de pilotagem do Movimento da Escola Moderna; nomeadamente o Mapa das Tarefas, o Quadro dos Comportamentos mensal, o Diário de Turma, a Banda Desenhada das regras da sala e ainda o Plano Semanal.

A concepção dos mesmos foi da minha responsabilidade, mas tive sempre o cuidado de envolver os alunos na sua discussão e negociação, sendo que eu ia orientando o processo.

A integração dos materiais na sala de aula foi no dia 5 de Janeiro de 2015, no primeiro dia do 2º período do ano lectivo. O Mapa das Tarefas (Fig.2) definiu diariamente o

Fig. 2 - Mapa das tarefas



responsável pela “limpeza e arrumação da sala”, o “Delegado” e quem distribui os lanches no final do dia. As categorias das tarefas foram seleccionadas pela turma, bem como as funções específicas das mesmas. A atribuição de papéis foi definida a partir da ordem alfabética.

Nos primeiros dias os alunos tentaram contornar algumas das decisões que tinham sido acordadas em Reunião de turma, ignorando a ordem alfabética do nome dos alunos, regra que foi decidida também por estes. Existiram alguns conflitos neste sentido, pois a turma achava injusto que um colega que tivesse um comportamento desadequado pudesse ser um responsável por uma tarefa diária. Para resolver este tipo de situação houve a necessidade de se discutir o assunto, sendo que ficou clarificado que um facto não impediria outro, visto que a sala de aula necessitava da participação de todos os elementos.

A Tabela dos Comportamentos (Fig. 3) visou avaliar os comportamentos no final do dia, atribuindo as habituais “bolinhas vermelhas, azuis e verdes”. O registo foi diário, mas discutido no Conselho de Turma no final da semana. Este instrumento funcionou em simultâneo com o software ClassDojo que apresentarei em 3.3.1.

Fig. 3 - Fonte própria - Tabela dos comportamentos



As regras da sala foram negociadas, sugeridas e revistas com as crianças ao longo da PES (fig.4), registando em formato de BD “O que podemos fazer?” e “O que não devemos

fazer?”. Inicialmente as crianças revelaram alguma dificuldade em distinguir o que era adequado ou não fazer, pois evidenciavam algumas ideias transmitidas pela família em relação à escola, frases que fui escutando de manhã quando recebia as crianças para o pequeno-almoço: –“Se te baterem dá com uma cadeira!”, “A Professora está lá para te aturar!” e “Ele foge da sala porque se sente cansado da escola”.

Fig. 4 - Fonte própria - BD das Regras da sala



O quadro 10 apresenta o conjunto de regras que se estabeleceram na sala:

Quadro 10: Regras estabelecidas na sala de aula

O que podemos fazer?	O que não devemos fazer?
<ol style="list-style-type: none"> 1. Participar nas tarefas 2. Ajudar os colegas 3. Negociar as regras 4. Negociar as recompensas e consequências 5. Colocar o “dedinho mágico” no ar para falar 	<ol style="list-style-type: none"> 6. Baloçar a cadeira 7. Fugir da sala 8. Desrespeitar os outros 9. Brincar na sala de aula

Fonte: própria

O Plano Semanal (fig. 5) foi elaborado em conjunto com a turma e surgiu da necessidade de clarificar as rotinas escolares, pois as interrupções ao longo das aulas eram constantes, surgindo questões relativas à hora de almoço e recreios.

Fig. 5 - Fonte própria - Plano semanal



Numa reunião de turma, acordou-se que se os comportamentos da turma fossem melhorando e a frequência de situações de indisciplina diminuindo, que iriam ser implementadas sessões diversificadas ao longo da semana como recompensa.

Os alunos demonstraram grande entusiasmo perante a planificação semanal, especialmente porque passaram a entender a rotina diária e por poderem consultá-la sempre

que precisassem. Relativamente à implementação das sessões, que abordarei de seguida, é relevante referir que a turma começou a demonstrar mais empenho na realização das suas tarefas, como na prática de atitudes positivas.

Na segunda fase da minha intervenção, propus as seguintes sessões semanais à Professora Cooperante e à turma, que posteriormente foram sendo dinamizadas sempre que a avaliação dos comportamentos era favorável:

Problema da Semana - Às quartas-feiras no último bloco de Matemática, esta aula tornou-se mais lúdica, envolvendo materiais que concebi com os alunos.

Experiência Científica - Às segundas-feiras no último bloco de Estudo do Meio realizaram-se as experiências científicas, explorando as propriedades dos materiais., mas também de observação de um animal¹².

Futuramente, em conjunto com outro da sua espécie, o patinho cobaia da actividade do 2º ano, tornou-se o animal de estimação da escola, uma das estratégias que implementei noutros contextos escolares, em prol da mudança e prevenção dos comportamentos desadequados dos alunos em geral. Esta será apresentada em 3.3.

Jogo/Actividade da Semana - Às quintas-feiras no último bloco, implementei tarefas diversificadas, algumas delas que surgiram por determinada situação do momento.

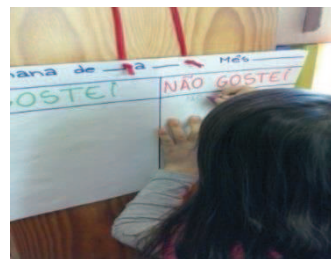
Neste conjunto de sessões, dinamizei algumas sessões de Educação pela Cidadania, tal como demonstrarei em 3.2.2. com o exemplo da tarefa “David vai à Escola” e actividades no âmbito das Expressões Artísticas.

Reunião de Turma - No último dia das semanas, no último bloco, implementou-se a Reunião de Turma, ou “Tribunal” - como insistiam as crianças a denominar esta sessão, não no seu sentido pejorativo, mas por acharem que o momento detinha alguma formalidade e seriedade.

¹² Para maiores detalhes sobre estas planificações – “Tabuada Saltitona”, “Jogo de Matemática”, “Flutua ou não Flutua”, “Dissolve ou não dissolve”, “Animal em sala de aula” e “Procurar no dicionário”, poderá consultar-se o dossier da PES, na Secção das Planificações que se encontra no CD-ROM em anexo

O Diário de Turma (fig.6) ocupava um lugar essencial neste momento do dia, pois era o suporte de discussão, reflexão e decisão do grupo, pois espelhava os acontecimentos mais significativos da semana, ou até os mais prejudiciais ao ambiente educativo, pois maioritariamente as crianças registavam na coluna “Não gostei”.

Fig. 6 - Fonte própria - Diário de Turma da sala



3.2.1. Recurso a software informático ClassDojo

No dia 10 de Dezembro de 2014, pelas 10h, implementei mais uma estratégia de regulação dos comportamentos da turma, ao qual registei no Diário de Campo o seguinte pensamento:

Hoje explorei pela primeira vez a avaliação dos comportamentos da turma num software online (ClassDojo) . É uma ferramenta bastante lúdica, que atribui pontos positivos e negativos aos alunos conforme o que vão discutindo, e os itens indicados. Todas as manhãs antes de irem para a sala, vamos realizar a avaliação dos avatares, do dia anterior.

Perrenoud (2000, p.15), citado no Capítulo I, considera que utilizar as novas tecnologias é uma das dez competências associadas ao perfil do Professor capaz de “mobilizar diversos cognitivos para enfrentar um tipo de situação”.

No dia 12 de Dezembro de 2014, pelas 11h00 registei a seguinte reflexão acerca da utilização deste software:

Durante a manhã expliquei-lhes que é muito bom sabermos-nos avaliar e reconhecer os pontos positivos e os a trabalhar, no que respeita às nossas atitudes. Ao verem a nossa turma virtual com os seus avatares, a reação foi de espanto e curiosidade. Todos se avaliaram de forma coerente e todos reconhecem a realidade da turma. Foram atribuídos pontos a cada criança – votaram à medida que o processo se desenrolou. Noto que na grande maioria, têm mais facilidade em identificar os pontos positivos que os "a melhorar". Para algumas crianças "ajudar os outros" implica a força física.

Fig. 7 - *ClassDojo - Avaliação dos alunos da turma*



Fonte: https://teach.classdojo.com/#!/launchpad?sortStudentsBy=first_name

3.2.2. Planificação de tarefas

3.2.2.1. “David vai à Escola” – uma estratégia de role playing

Esta planificação (Anexo IV) foi concebida com a finalidade de promover a discussão e o sentido crítico das crianças na resolução de problemas relacionados com a indisciplina. A partir da exploração do livro foram definidas regras, discutidas estratégias e agendadas assembleias de turma.

Considero assim, que a mesma, integra as estratégias possíveis para prevenir os comportamentos desadequados da turma, pois o facto de criar um ambiente de discussão e “role playing ou representação de papéis” (Picado, 2009) – (todos os grupos tiveram responsabilidade na compreensão e análise dos comportamentos da personagem da história, assumindo o papel do Professor que pretende desenvolver as estratégias para gerir os comportamentos desadequados desta); envolve a turma num processo de consciencialização e interpretação das situações vivenciadas no mundo das histórias à luz da sua vivência na sala de aula.

3.3. Intervenção em contextos escolares não formais

A frequência dos comportamentos desadequados e a dificuldade por parte dos Professores em gerir os mesmos, não se cingia apenas ao contexto de sala de aula. A hora do recreio era sem dúvida alguma outra rotina em que era bastante difícil ter controlo no surgimento de situações de agressão, desrespeito pelas regras e sucessivos conflitos verbais. Tendo em conta a realidade que fui observando no contexto formal e não formal, reflecti sobre a seguinte questão, a qual orientou algumas estratégias desenvolvidas:

- A intervenção do professor noutros espaços/situações da escola é relevante para a gestão comportamental dentro da sala de aula?

3.3.1. Patudo e Joaninha – Os patudos da Escola

No seguimento da aula que planifiquei e implementei na minha turma da PES – “Animal em sala de aula” (Anexo V), no dia 9 de Fevereiro a escola adoptou os dois patos como animais de estimação. Os alunos do 2º ano ficaram responsáveis por apresentar os mesmos à outras turmas e providenciar as condições necessárias de segurança e bem-estar. Apresentaram o painel elaborado durante a actividade e contaram o desenvolvimento da mesma.

Durante essa semana realizaram entrevistas na hora do recreio aos restantes alunos para fazer o levantamento dos nomes possíveis para os animais, registando num caderno. Posteriormente, as secretárias M. e É. fizeram a contagem a fim de seleccionar os cinco nomes mais vezes citados. Foram expostas no corredor do 1º andar duas folhas A3 para toda a comunidade escolar eleger o nome de cada patinho, chegando ao resultado de Joaninha e Patudo.

Todos os dias as crianças da escola organizam-se para distribuir, atribuir e executar as tarefas que visam assegurar os cuidados básicos do Patudo e da Joanelinha, planeando as horas da alimentação, de limpeza e de brincadeira com os animais.

Há sempre um responsável do dia que orienta o grupo e define as necessidades do momento (Fig. 8)



Fig. 8 – Fonte própria – Alunos e os animais de estimação

3.3.2. Recreios orientados

A partir do início do mês de Fevereiro, questionei os alunos da escola relativamente ao que gostariam que melhorasse nas horas do recreio. As respostas foram bastante similares e demonstraram o desejo de realizar actividades orientadas no espaço e hora de lazer. Algumas crianças referiram que se tivessem “mais coisas para fazer” que provavelmente não existiram tantas “lutas, zangas e birras”.

As sugestões revelaram o interesse por dinamizar jogos torneios desportivos, criar uma Associação de Estudantes, realizar concursos de dança e desenvolver actividades no âmbito das expressões artísticas.

Tendo em conta a realidade, analisando as situações de indisciplina e reflectindo no caos que se observava num espaço em que coabitavam oitenta e uma crianças durante cerca de três horas por dia, e escutando as opiniões destas, tracei um Plano de Intervenção, no qual implementei um Plano semanal de actividades e os Cantinhos de lazer (área dos brinquedos, área do desenho, área da música).

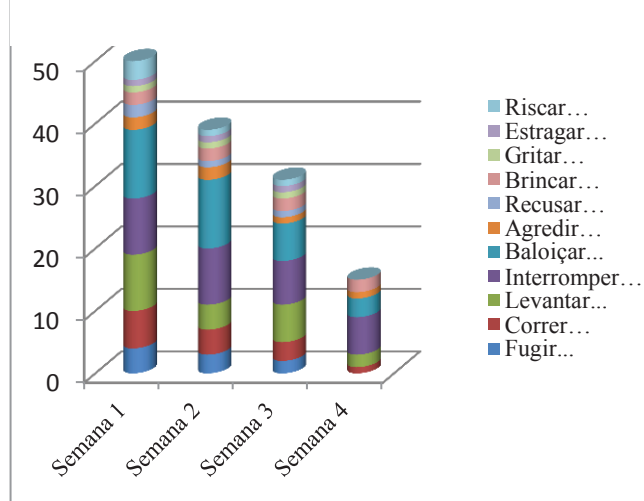
3.4. Os impactos da minha intervenção

Tendo em conta o conjunto de acções que implementei perante os comportamentos desadequados que observei na PES constantes na tabela 1, posso concluir que a recolha de

dados a partir do registo da frequência de incidentes críticos permitiu evidenciar alguns impactos das estratégias desenvolvidas.

A (fig.9) traduz os dados constantes nas duas tabelas, demonstrando os incidentes

Fig. 9 - Fonte própria - Gráfico da Frequência de incidentes críticos na sala de aula



ocorridos durante as quatro semanas,

sendo que:

- A frequência total dos incidentes

críticos diminuiu desde a primeira

semana até à última semana

- De 6 a 27 de Fevereiro de 2015 existem

435 incidentes registados, enquanto que,

de 9 a 20 de Março de 2015 existem 237

incidentes registados.

- Os três comportamentos desadequados mais registados ao longo de todo o período de tempo de observação são: baloiçar a cadeira, interromper os colegas e/ou adultos quando estão a falar e levantar sem pedir autorização. No entanto nas duas primeiras semanas apresentam valores bastante superiores.

As estratégias que adoptei não se restringiram às que anunciei anteriormente, pois adquiri um repertório eficaz de códigos de comunicação verbal e não-verbal, que fui utilizando e apreendendo diariamente na gestão dos comportamentos da sala de aula. Na concepção do Enquadramento Teórico revi algumas atitudes e práticas que assumi em contexto de sala de aula, sendo especificadas pelos autores como estratégias, técnicas e acções de cariz preventivo, correctivo, comportamental e cognitivo, às quais desconhecia a sua função, pois actuava sem saber a sua existência nos modelos conceptuais – “Olho de lince” e

sobreposição, características que Caeiro & Delgado (2005) e Kounin (1970) identificaram em Professores que geriam convenientemente as suas salas de aula.

Capítulo IV

Considerações Finais

Início o presente capítulo referindo as motivações que me levaram a enveredar pelo estudo das Competências do Professor do 1º CEB em sala de aula, pois a praxis educativa é indissociável de um suporte teórico que nos remeta à compreensão dos fenómenos observados.

Na qualidade de estagiária no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º CEB, cabe-me referir que a Prática de Ensino Supervisionada contribuiu de forma intensiva para o meu desenvolvimento pessoal e profissional, despertando o meu olhar crítico perante a sala de aula, despoletando a competência da auto-avaliação perante a minha acção e enriquecendo o meu repertório de estratégias pedagógicas na gestão da sala de aula.

É importante ainda salientar que considerei um grande desafio desenvolver a PES nesta turma do 2º ano, pois as dificuldades que senti na gestão dos comportamentos desadequados das crianças proporcionaram-me a aquisição de competências essenciais para o desempenho profissional. Esta experiência traduziu-se pela existência de momentos de exaustão, preocupações continuadas acerca do meu papel, dúvidas concernentes à minha capacidade de intervenção e ainda conclusões pouco claras quando tentei entender a origem do caos na sala de aula. No entanto, existiram verdadeiros momentos de satisfação e gratificação, nomeadamente assim que a minha intervenção começou a demonstrar os primeiros resultados, quando os incidentes críticos diminuíram significativamente a sua frequência, mas também quando os objectivos das minhas planificações de tarefas eram atingidos.

De facto, a qualidade do Ambiente Educativo não era de todo propícia às aprendizagens e por conseguinte ao desenvolvimento de comportamentos aceitáveis e positivos, o que me incitou a desenvolver determinadas estratégias que favorecessem a Relação Pedagógica, que estimulassem a motivação das crianças e promovessem a regulação e avaliação das interacções.

Lembro-me de um dia estar a dinamizar uma actividade à qual a minha Supervisora assistia, no âmbito das visitas ao local de estágio, quando os comportamentos dos alunos começaram a prejudicar o desenvolvimento da mesma. Recordo-me de tentar controlar a situação, de me sentir um pouco agitada e de manifestar a minha impaciência através de “lembretes repetitivos” (Slavin, 2006), invocando sistematicamente as regras da sala, a atribuição de recompensas e consequências (Aires, 2010), interrompendo eu também a dinâmica. Neste momento entendo o conceito de “extinção do comportamento” (Picado, 2009) que a minha Supervisora sugeriu na gestão de comportamentos menos graves, ou seja, é possível ignorar determinada situação e prosseguir o normal funcionamento da sala de aula, o que resultará no desaparecimento dos mesmos, pois estes são considerados provocações para chamar e manter a atenção do adulto.

Os instrumentos que implementei na sala de aula motivaram as crianças a melhorar o seu comportamento, observei verdadeiros momentos de entusiasmo na utilização destes. A turma começou a monitorizar o registo escrito no Diário de Turma, lembravam-me todas as manhãs a necessidade de ir à biblioteca utilizar o quadro interactivo para aceder ao software ClassDojo, demonstravam bastante interesse em participar na organização e gestão do currículo, sugerindo novas actividades, materiais didácticos e propondo temas para desenvolver em Projecto.

Ainda considerando a Revisão de literatura, creio que adquiri algumas competências que Perrenoud (2000, p.15) considera essenciais ao Professor do 1º CEB, nomeadamente:

- *Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação*, pois fui cuidadosa na planificação das tarefas, tendo sempre em conta a heterogeneidade da turma e motivando o M. e o DS. a participar nas mesmas; organizando os grupos de forma equilibrada, atribuindo funções específicas aos elementos integrantes.¹³

No que se refere a *Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho* (Perrenoud...) considero que contribuí para o desenvolvimento de uma convivência democrática e participativa, na medida que ao instituir a comunicação, diálogo e negociação no seio do grupo, promovi o interesse pelos processos de aprendizagem das crianças.

-Já a *utilização de novas tecnologias* através da ClassDojo pautou-se como um recurso informático de extrema relevância para a mudança do ambiente educativo da turma do 2º ano.

Enquanto observadora participante, no âmbito de uma investigação que se aproximou da Investigação-Acção, quis compreender quais as práticas correntes e as concepções da Equipa Pedagógica em relação ao objecto de estudo deste relatório, intervindo de forma pró-activa na vida escolar, demonstrando iniciativa na colaboração com os agentes educativos, com a finalidade de “resolver questões práticas do quotidiano” (Afonso, 2005, p. 75).

Integrei temporariamente a Equipa Pedagógica da instituição, desenvolvendo assim laços estreitos de comunicação e discussão com os docentes, colaborando na criação de medidas preventivas na resolução das inquietações pedagógicas deste contexto TEIP e exercendo alguma influência na adopção de estratégias em contextos não formais, nomeadamente no tempo de recreio, nos quais assumi inteira responsabilidade no planeamento, organização e estruturação do mesmo.

Os inquéritos por questionário que apliquei às seis professoras reflectiram o que fui observando durante a PES. De facto existem salas de aula que se denota um ambiente

¹³ Para maiores detalhes sobre esta situação, poderá consultar-se o dossier da PES, na secção das Planificações que se encontra no CD-ROM em anexo.

pedagógico de qualidade, onde esporadicamente ocorrem os comportamentos desadequados que seleccionei como indicadores de incidentes críticos e onde se manifestam os efeitos positivos de uma gestão dos comportamentos eficaz, com recurso a materiais, instrumentos de avaliação e regulação, e outras evidências que são de carisma do perfil do Professor, nomeadamente a comunicação, a perspicácia no detectar e resolver as situações perturbadoras da sala de aula.

É de salientar que nem todas as percepções dos Professores são semelhantes; de facto, o que é um comportamento aceitável para um pode não ser para outro, o que tem uma gravidade justificável de sofrer uma punição para um, pode simplesmente para outro significar uma atitude normal da idade cronológica, que não exige uma intervenção correctiva.

Durante a PES, esta equipa de docentes foi a minha grande referência e inevitavelmente um modelo que acabou por influenciar as minhas opções e decisões, mas mesmo assim, não pretendo avaliar qualquer tipo de prática educativa ou perfil de desempenho docente, até porque não me cabe enquanto investigadora realizar juízos de valor.

É na articulação das estratégias recolhidas através da revisão de literatura, com as praticadas pelas docentes da instituição e ainda as que adoptei, que consegui chegar a algumas respostas para a pergunta de partida a) “Que estratégias pode o professor utilizar para prevenir e/ou ter controlo dos comportamentos desadequados da turma?”. Neste sentido, o/a professor/a deve:

- Organizar e reestruturar o ambiente educativo recorrendo a materiais/instrumentos diversificados e atraentes, acções e rotinas que orientem as crianças na compreensão do sentido escolar e que possam ser discutidas com as mesmas
- Planificar actividades estimulantes e interdisciplinares que estimulem concentração e motivação da turma.

- Gerir democraticamente os comportamentos da sala de aula (negociar, discutir, acordar, recompensar, punir...)

A pergunta de partida b) “A intervenção do professor noutros espaços/situações da escola é relevante para a gestão comportamental dentro da sala de aula?” despoletou um conjunto de conclusões, que poderão ser consideradas pouco fidedignas, na medida que não foram sustentadas pelas referências bibliográficas no Capítulo I, uma fragilidade que assumo neste presente relatório, por falta de fontes e também por uma tradição portuguesa que tende a delimitar o trabalho do/a professor/a de 1ºCEB ao interior da sala de aula, o que não é tão evidente nas concepções sobre o trabalho do/a educador/a de infância. Reflectindo sobre as práticas educativas nas valências da Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º CEB, é possível verificar a importância atribuída aos contextos não formais pelas duas. Na primeira, as rotinas, nomeadamente o tempo de recreio, são consideradas um momento que contribui para o desenvolvimento das crianças, de extrema relevância para a avaliação das competências sociais, motoras e cognitivas destas. O/A Educador/a está presente e conhece a individualidade de cada aluno através da observação das suas brincadeiras. Já no 1º CEB, o tempo de recreio é considerado um tempo não lectivo, de carácter extra, da responsabilidade do pessoal não docente, em que o o/a Professor/a não tem a obrigatoriedade de o supervisionar e/ou intervir. A sala de aula é o principal palco de actuação do mesmo.

De qualquer modo apresento os seguintes resultados que emergiram da minha intervenção em contexto de recreio tal como demonstra o gráfico apresentado em 3.5. (fig.), referente à diminuição da frequência de incidentes críticos a partir do momento que também dediquei a minha intencionalidade educativa aos contextos não formais:

- Com a implementação de estratégias no tempo de recreio, os comportamentos desadequados deste espaço/tempo diminuiu, pois as crianças sentiram-se entusiasmadas com as novas actividades e opções de brincadeira;

- À medida que as semanas foram passando e os planos semanais do recreio reorganizados, os alunos passaram a entrar nas salas de aula mais tranquilos, com menor tensão e com maior motivação para se sentarem e concentrarem nas tarefas formais;
- O espaço da sala de aula e o de recreio passaram a ser duas dimensões não dissociadas, a avaliação do comportamento realizado na sala de aula através da ClassDojo e da Tabela dos Comportamentos abrangia também as atitudes e acções manifestadas na hora do recreio, sendo que as recompensas e consequências visavam o usufruto das actividades diversas do último.
- Desde que os animais de estimação chegaram à escola, alguns alunos, principalmente do 4º ano, cujo percurso era visivelmente demarcado pelas faltas sucessivas, desrespeito pelas normas e aversão à escola, construíram um sentido de responsabilidade enorme, chegando a referir que “finalmente há alguma coisa que me faça vir à escola!” (I – 4º ano).
- As Professoras transmitiram-me continuamente o seu feedback relativamente às principais mudanças que sentiram na sua sala de aula, desde que os alunos começaram a participar em concursos de dança, torneios de futebol, clubes da leitura e áreas de lazer. - A Professora do 1º ano referiu, (em comunicação verbal) que os alunos mais “problemáticos” da sua turma evidenciaram grande transformação e evolução nas suas atitudes, chegando por vezes a ficar tão tranquilos após os recreios, que chegavam inclusivamente a adormecer.
- A minha turma de estágio evidenciou alterações nas suas relações interpessoais muito significativas, pois negocieei com a mesma, que sempre que cumprissem atempadamente as suas tarefas, poderiam ajudar-me a planificar as actividades do recreio, que os animais permaneceriam na sala e/ou seriam os “Guardiões do Recreio” – responsáveis por supervisionar as actividades, o cumprimento de regras, a manutenção do espaço, a arrumação de materiais.

Em suma, o Professor do 1º CEB deve ser uma pessoa sensível às questões da indisciplina, reflectindo sobre o seu papel na prevenção das mesmas, mobilizando os conhecimentos que adquiriu ao longo da formação, bem como das experiências com outros docentes e noutros contextos escolares, utilizando os mesmos na criação de estratégias

criativas, inovadoras e eficazes. Neste sentido, Arends (1995) destaca a importância do/a Professor/a dominar o conhecimento inerente ao ensino e aos processos de aprendizagem, referentes ao “repertório” adquirido, e à prática coerente e democrática aliados à capacidade de resolução de conflitos e à consciência da importância da formação contínua.

A respeito ainda da formação contínua do Professor do 1º CEB, é oportuno salientar que esta consciencialização se constrói através do “auto-estudo” (Picado, 2009), que consiste na avaliação sistemática da sua acção, identificando os pontos a melhorar na sua prática educativa que orientam para um ensino de qualidade.

O Professor/a do 1º CEB deve consciencializar-se também do seu papel na construção de um ambiente pedagógico de qualidade, que evite o surgimento de comportamentos desadequados, que muitas vezes está relacionado com a desadequação da tarefa proposta, a má gestão do tempo e das transições entre sequências de actividade.

Futuramente, pretendo especializar-me nesta área, pois é um tema que me interessa bastante e que me move enquanto profissional, pois é insuficiente centrar as atenções no aluno individual, no seu meio sócio – económico e psicossocial. É necessário responsabilizar o Professor, e caso o meio familiar e geográfico influencie na prevalência de situações de indisciplina, cabe a este contornar a situação, com os recursos que conseguir alcançar.

Bibliografia

Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação – Um guia prático e crítico*. ASA Editores, S.A. Porto.

Agrupamento de Escolas Manuel da Maia (s/d). *Projecto Educativo*. (Página oficial).

Recuperado: 26 de Maio de 2015, em:

<http://agescolasmanuelmaia.net/portal/index.php/documentos>

Aires, L. (2010). *Disciplina na sala de aulas – Um guia de boas práticas para professores do 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário*. Lisboa: Edições Silabo.

Arends, (1995). *Aprender a Ensinar*. Lisboa: Porto Editora

Barone, F. (2012). *Manual do Trabalho Escolar*, 2ª edição. Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich. Lisboa

Brophy, J. (1999). *Ensinar*. Academia Internacional da Educação - Departamento

Internacional da Educação. Recuperado: 26 de Junho de 2015, em:

<http://www.ibe.unesco.org/en/services/online-materials/publications/educational-practices.html>

Caeiro, J & Delgado, P. (2005). *Indisciplina em contexto escolar*. Lisboa: Piaget

Cadima, J., Leal, T. & Cancela, J. (2010). *Interacções professor-aluno nas salas de aula no 1º CEB: Indicadores de qualidade*. Revista Portuguesa de Educação. 24(1), pp. 7-34.

Câmara Municipal de Lisboa (s/d). Componente de Apoio à Família. (página oficial).

Recuperado: 26 de Maio de 2015, em: <http://www.cm-lisboa.pt/viver/educacao/dentro-da-escola/componente-de-apoio-a-familia>

Câmara Municipal de Lisboa (s/d). Programa Intervir. (página oficial). Recuperado: 26 de Maio de 2015, em: <http://www.cm-lisboa.pt/viver/intervencao-social/comportamentos-de-risco>

Decreto-Lei n.º 241/01, de 30 de Agosto de 2001. (2001, 30 de Agosto). Ministério da Educação. Lisboa.

Decreto-Lei nº 270/98 de 1 de Setembro de 1998. (1998, 1 de Setembro). Ministério da Educação. Lisboa.

Direcção Geral da Educação (s/d). *Projecto TEIP*. (Página oficial). Recuperado a 18 de Abril de 2015, em: <http://www.dge.mec.pt/teip>

Direcção Geral da Educação (s/d). Turma Mais. (Página oficial). Recuperado: 26 de Maio de 2015, em: <http://www.dge.mec.pt/turma-mais>

Espelage, D. & Lopes, J. (2013). *Indisciplina na Escola: A indisciplina em sala de aula*. Fundação Francisco Manuel dos Santos. Lisboa

Esteves, L. M. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Acção*. Porto Editora.

Estrela, M.T. (1986), *Algumas considerações sobre o conceito de profissionalismo docente*. Revista Portuguesa de Pedagogia, vol.XX.pp.301-309

Estrela, M. T. (1992). *Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula*. Porto: Porto Editora.

Estrela, M. T. & Estrela, A. (1994). *A Técnica dos Incidentes Críticos no Ensino*. 2ª Edição. Lisboa: Editorial Estampa.

- Forneiro, L. (1998). *A Organização dos Espaços na Educação Infantil*. In M. Zabalza, *Qualidade em Educação Infantil* (pp. 229-281). Porto Alegre: Artmed.
- Gama, S. D. (2011). *Diário. Col. "Obras Completas"*. Lisboa: Editorial Presença
- Garcia, A. (2010). *O Diário de Turma na vida de um grupo de Jardim de Infância. Escola Moderna*, 36, pp. 6-20.
- Niza, S. (2007). *O Modelo Curricular de Educação Pré-Escolar da Escola Moderna Portuguesa*. In Formosinho (Org.). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. Porto: Porto Editora.
- Kounin, J. (1977). *Discipline and group management in classrooms*. New York: Holt. Rinehart & Winston.
- Lima, I.S.A. (1995). *Caminhos Novos na Educação*. São Paulo. FTD
- Perrenoud, P. (1995). *Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar*. Porto: Porto Editora.
- Perrenoud, P. (2000). *10 Novas Competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed
- Picado, L. (2009, Julho). A Indisciplina em sala de aula: Uma abordagem comportamental e cognitiva. *O Portal dos Psicólogos* Recuperado: 15 de Maio de 2015,em:
<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0484.pdf>
- Sampaio, D. (1997). *Cadernos de Organização e Gestão Escolar*. Lisboa.
- Thurler, M. & Perrenoud, P. (1994). *A Escola e a Mudança. Contributos sociológicos*. Lisboa : Escolar Editora.
- Slavin, R.E. (2006). *Educational Psychology: theory and practice*. Boston: Pearson
- Zabalza, M. A. (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre. Artmed

<http://www.ibe.unesco.org/en/services/online-materials/publications/educational-practices.html>

Anexo I

INQUÉRITO AOS PROFESSORES

No âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, unidade curricular do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, . Tem o objectivo de recolher dados sobre o tema em estudo no Relatório Final, "Gestão dos Comportamentos na Sala de Aula", da estudante Joana Almeida, com a supervisão de Elisabete X. Gomes

Agradecemos a sua colaboração, que é essencial ao desenvolvimento deste estudo. Os dados recolhidos serão usados apenas no contexto académico e será garantida a confidencialidade e o anonimato de todos os participantes.

Categoria Profissional: _____	Tempo de Serviço (anos): _____
Formação Académica: _____	Idade: _____
Sexo: F _____ M _____	
Ano curricular que lecciona em 2014/2015: _____	

I. Apreciação da gravidade dos comportamentos desadequados dos alunos

a) Indique com um X a gravidade que atribui a cada comportamento, de acordo com a seguinte escala:

1 – não considero desadequado, **2** - considero desadequado, mas não é grave; **3** – considero desadequado, **4**- considero desadequado e não tolero, **5** – considero bastante desadequado e fortemente punível

	1	2	3	4	5
Fugir da sala de aula					
Correr dentro da sala de aula					
Levantar sem pedir autorização					
Interromper os colegas e/ou adultos quando estão a falar					
Baloçar a cadeira					
Agredir física ou verbalmente os					

colegas/adultos					
Recusar a realização das tarefas propostas					
Brincar na sala de aula					
Gritar, chorar e fazer birras					
Estragar os materiais					
Riscar e desenhar na mesa					
Se considera existirem outro comportamentos desadequados na sua turma, indique quais:					

II. Frequência da ocorrência de comportamentos desadequados

a) Tendo em conta a presente semana, indique com uma X a ocorrência de comportamentos desadequados na sua turma, e descreva sucintamente como resolveu

Comportamentos observados	Não ocorreu	Ocorreu uma vez, com um aluno	Ocorreu mais do que uma vez e/ou com mais do que um aluno	Como resolveu?
Fugir da sala de aula				
Correr dentro da sala de aula				
Levantar sem pedir autorização				
Interromper os colegas e/ou adultos quando estão a falar				
Baloçar a cadeira				
Agredir física ou verbalmente os colegas/adultos				

Recusar a realização das tarefas propostas				
Brincar na sala de aula				
Gritar, chorar e fazer birras				
Estragar os materiais				
Riscar e desenhar na mesa				
Se considera existirem outro comportamentos desadequados na sua turma, indique quais:				

III. Estratégias utilizadas na gestão dos comportamentos

a) Indique com um X a regularidade com que aplica as seguintes estratégias na sala de aula.

Estratégias	Sempre	Habitualmente	Raramente	Nunca
Conversar individualmente com o aluno (depois da aula)				
Interromper a aula para repreender o comportamento de um aluno(durante a aula)				
Reorganizar a sala (disposição das mesas e lugares dos alunos)				
Utilizar a linguagem não-verbal (fixar o olhar, fazer silêncio, fazer gestos)				
Implementar instrumentos reguladores (diário de turma, tabela dos comportamentos e mapa das tarefas)				
Negociar as regras da sala com a turma				

(recompensas e consequências)				
Fazer reuniões de turma (para discutir e resolver questões)				
Reforçar positivamente os comportamentos adequados (valorizar estes ao invés de criticar somente os desadequados)				
Dinamizar atividades mais lúdicas				
Punir o(s) aluno(s) com o não usufruto do tempo de recreio				
Ouvir as opiniões das crianças acerca da minha ação				
Se utiliza outras estratégias, indique quais:				

IV – Apreciação global da gestão dos comportamentos na sala de aula

1. Como caracteriza o ambiente educativo da sua sala de aula?

2. Que fatores considera quando reflete nos comportamentos dos seus alunos?

3. Como se sente em relação à questão da "Gestão dos Comportamentos na sala de aula"?

Obrigada pela sua colaboração!

Anexo II

Registo da Frequência de Incidentes Críticos - A

Período de observação: - De 6 a 13 de Fevereiro de 2015 - De 23 a 27 de Fevereiro de 2015		Nº de dias: 10
Horas: - Das 9:00h às 10:30h, - Das 11:00h às 12:30h - Das 14:00h às 16:00h		Nº de horas: 5
Intervenientes: Turma do 2º ano		Nº de alunos: 21
Local: Sala de aula		

Comportamentos/situações observadas	Semana de 6 a 13 de Fevereiro					Semana de 23 a 27 de Fevereiro				
	2ªf	3ªf	4ªf	5ªf	6ªf	2ªf	3ªf	4ªf	5ªf	6ªf
Fugir da sala de aula	4	3	5	3	4	6	3	4	2	1
Correr dentro da sala de aula	6	8	3	4	7	3	5	2	6	3
Levantar sem pedir autorização	7	10	12	6	8	4	5	4	2	5
Interromper os colegas e/ou adultos quando estão a falar	14	12	7	8	6	11	13	9	5	9
Baloçar a cadeira	12	7	13	15	9	16	7	10	8	13
Agredir física ou verbalmente os colegas/adultos	3	2	0	0	3	4	5	2	0	1
Recusar a realização das tarefas propostas	2	1	2	2	3	1	1	3	2	0
Brincar na sala de aula	4	2	1	2	2	2	1	3	4	1
Gritar, chorar e fazer birras	1	0	0	2	3	0	0	2	1	0
Estragar os materiais	2	0	0	1	0	2	2	1	0	1
Riscar e desenhar na mesa	3	4	2	3	3	1	0	0	1	2
Total de incidências	57	49	45	46	39	50	42	40	31	36

Anexo III

Registo da Frequência de Incidentes Críticos

Período de observação: - De 9 a 13 de Março de 2015 - De 16 a 20 de Março de 2015		Nº de dias: 10
Horas: - Das 9:00h às 10:30h - Das 11:00h às 12:30h - Das 14:00h às 16:00h		Nº de horas: 5
Intervenientes: Turma do 2º ano		Nº de alunos: 21
Local: Sala de aula		

Comportamentos/situações observadas	Semana De 9 a 13 de Março					Semana De 16 a 20 de Março				
	2ªf	3ªf	4ªf	5ªf	6ªf	2ªf	3ªf	4ªf	5ªf	6ªf
Fugir da sala de aula	2	1	0	3	2	1	0	0	0	0
Correr dentro da sala de aula	4	3	1	4	5	2	0	1	0	1
Levantar sem pedir autorização	5	9	5	3	6	4	2	2	2	2
Interromper os colegas e/ou adultos quando estão a falar	10	8	5	7	5	11	6	4	3	4
Baloçar a cadeira	8	4	7	3	7	4	2	3	2	2
Agredir física ou verbalmente os colegas/adultos	1	0	2	0	1	3	0	0	0	0
Recusar a realização das tarefas propostas	0	1	2	1	1	0	0	1	0	0
Brincar na sala de aula	2	1	1	1	3	4	0	2	2	1
Gritar, chorar e fazer birras	0	1	2	0	0	2	1	1	0	0
Estragar os materiais	2	0	1	0	0	1	0	0	0	0
Riscar e desenhar na mesa	0	2	1	0	2	0	1	0	0	0
Total de incidências	34	40	27	22	37	32	12	14	9	10

Anexo IV

Planificação da Tarefa

I – Planificação de uma tarefa/sequência

Ano- nº de alunos	Área	Tarefa	Data e duração
19	Educação pela Cidadania	Exploração do livro “David vai à escola”	Cerca de uma hora e 30 minutos 14 de Janeiro de 2015 (quarta-feira)

O que pretendo que o aluno aprenda:

Domínios/Conteúdos Programáticos	Metas/Objetivos	Operacionalização (Descritores)	Modalidades e Instrumentos de Avaliação
	Objetivos: Partilhar ideias e opiniões acerca de regras e normas de conduta Resolver problemas comportamentais Refletir nas questões de indisciplina	Saber falar na sua vez Associar situações reais com as da história	Avaliação individual da atividade Auto-avaliação (participação e empenho na atividade)
Razão de escolha da tarefa:	Tendo em conta os comportamentos da turma e a dificuldade em gerir os mesmos, esta tarefa será integradora de um plano de intervenção na área		

da Educação pela Cidadania. A partir da exploração do livro serão definidas regras, discutidas estratégias e agendadas assembleias de turma futuramente.

O que proponho que o aluno aprenda

Metodologia

Após a organização da sala e dos lugares de cada criança, comunicarei à turma que devem estar bastante atentos pois temos uma tarefa de grande responsabilidade.

Mostro o livro sem desvendar o título da história, até porque o mesmo irá despoletar um momento de risada, desconcentração e barulho, pois a personagem chama-se David e por coincidência que seja, (ou não), o David é uma das crianças mais problemáticas da nossa sala.

Iremos observar a ilustração da capa: “O que vos sugere esta imagem?”, “Quem será esta criança?”, “O que estará a fazer?”, “Qual será o seu nome?”; existirá então uma Chuva de Ideias que será registada no quadro e fotografada posteriormente. Durante esta discussão, pretende-se que as crianças não falem ao mesmo tempo e que coloquem o dedo no ar (“dedinho mágico” como carinhosamente nomeio), referirei estas duas regras as vezes que forem necessárias, para que todos possam participar ativamente e livremente.

Após a leitura da história, que se pressupõe que seja lida de

uma forma dinâmica, com recurso a gestos e pequenas dramatizações, será colocada a questão: “Porque será que o David se comporta desta forma?”. Todas as opiniões serão ouvidas e discutidas, sem que por nenhuma vez se realizem comparações, críticas ou inferências pela parte dos adultos intervenientes, no que respeita às situações comuns vivenciadas na sala de aula.

“Somos todos professores...”, - será o mote para o próximo desafio da turma, portanto” vamos ajudar a resolver este problema, para que o David se sinta mais feliz por estar na escola!”

- “O que vamos fazer para o David sentir vontade de ir à escola e se comportar melhor?”

O grupo 1 ficará incumbido de decidir um conjunto de estratégias para que o David da história tenha mais prazer em ir à escola e que comece a ter prazer em aprender.

- “Que regras devem existir na sala de aula?”

O grupo 2 definirá as regras que o David deverá cumprir na sala de aula.

- “Que regras devem existir no recreio?”

O grupo 3 definirá as regras que o David deverá cumprir no recreio.

- “Se o David melhorasse o seu comportamento, o que mudaria para si próprio e para todos os outros?”

	<p>O grupo 4 refletirá nas vantagens que existiriam se o David mudasse o seu comportamento.</p> <p>Depois de concluída esta tarefa, cada grupo elegerá um porta-voz para apresentar as propostas à frente de toda a turma.</p>
Ação do professor	<p>O adulto que orienta a atividade das crianças deverá ter um papel de mediador e suscitador de novas questões e reflexões pela parte das mesmas. A sua função será a de estimular a partilha de ideias, criando assim um ambiente de sala de aula democrático.</p>
Organização dos alunos	<p>Será necessário existir uma reorganização das mesas e cadeiras no espaço, bem como dos lugares dos alunos. Serão criados quatro grupos de trabalho, preferencialmente heterogéneos no que concerne à singularidade de cada criança. Os grupos foram constituídos com base nas relações interpessoais existentes e nos comportamentos observados.</p> <p>Grupo 1: Érica, Tomás, David, Ana Sofia</p> <p>Grupo 2: Daniel, João, Luana, Matilde, Cristiano</p> <p>Grupo 3: Marta, Gustavo, Rodrigo, Guilherme, Beatriz</p> <p>Grupo 4: Mário, Eliane, Quevin, Paulo, Maria</p>
Comunicação dos resultados	<p>A comunicação de resultados será através do registo escrito, da exposição oral individual e do grupo, bem como da</p>

	elaboração de instrumentos reguladores do funcionamento da turma.
Recursos materiais	Folhas, canetas, quadro, post-it
Recursos humanos	Professora e Estagiária
Previsão das estratégias a utilizar pelos alunos	Será verificado um maior empenho pela parte de algumas crianças, situação que tentarei controlar e inverter, responsabilizando de igual modo todos os intervenientes.
Previsão de dificuldades/erros	<p>É provável que as crianças protestem pela forma como foram constituídos os grupos, pedirão para mudarem e irem para o grupo “x” ou “y”.</p> <p>Creio que existirá alguma dificuldade na realização das tarefas propostas, pois não têm hábitos de trabalho de grupo, conversação e reflexão. O registo escrito será também um obstáculo, bem como a interpretação/compreensão das perguntas que irão surgindo, pois a maioria demonstra pouca facilidade na oralidade e argumentação.</p>
Prevenção das dificuldades	<p>A organização das crianças por grupos foi planeada de forma a que exista pelo menos uma que saiba escrever, que exista apenas um elemento que se destaque normalmente pela indisciplina e desrespeito pelas regras, e um número mais ou menos equiparado de rapazes e raparigas.</p> <p>No caso do grupo 1, inseri o David com três crianças que</p>

	<p>são extremamente calmas, atentas e empenhadas, para que haja mais estabilidade no decorrer da atividade, o que o incentivará a seguir o exemplo dos colegas.</p> <p>O grupo 2 foi constituído com base nas relações interpessoais das crianças e seus hábitos de trabalho, é positivo experimentar novas relações de cooperação. O Daniel sentir-se-à mais seguro e auto-confiante neste grupo.</p> <p>Concernente ao grupo 3, refleti em especial na integração do Guilherme que entrou para a escola no dia 5 de Janeiro; este grupo é constituído por crianças que ainda não construíram uma relação e com o novo aluno.</p> <p>O grupo 4 foi organizado principalmente por colocar o Quevin e o Mário em parceria. Estes dois alunos demonstram sérios conflitos entre si, afirmam não gostarem um do outro, por isso é necessário estabelecer um contacto entre os mesmos para que ultrapassem as suas divergências.</p>
<p>Como posso relacionar esta tarefa com as outras áreas de aprendizagem</p>	<p>Esta tarefa pode ser articulada com a Matemática. As opiniões das crianças podem ser organizadas em gráfico ou tabela, após o Tratamento de Dados e expostas posteriormente para discussão.</p> <p>Representação de dados</p> <ul style="list-style-type: none"> - Recolher e representar conjuntos de dados - Representar dados através de gráficos de pontos e de pictogramas.

Exemplo:	
“Será que o David gosta de ir à escola?”	
SIM	@@@@@@
NÃO	@@@@@@@@@@@@@@@@@@

Reflexão sobre a implementação da tarefa

Relato da aula
<p>As crianças entraram na sala às 9 horas. Depois da saudação de bom dia, esperei que pendurassem os casacos, tirassem o material escolar das mochilas e que por fim se sentassem.</p> <p>Comecei por lhes dizer que tinha uma história fabulosa para ouvirem, mostrei o livro com o título tapado por uma tira de papel e pedi que me descrevessem a capa do livro.</p> <p>Toda a turma falava ao mesmo tempo, alguns riam-se da personagem do livro, outros levantavam-se "para ver melhor".</p> <p>Coloquei a voz e pedi seriamente que se sentassem, pois só continuaria quando todos estivessem num ambiente sereno, próprio de sala de aula. Após alguns minutos as crianças cederam ao meu silêncio, levantando "o dedinho mágico" para falar.</p> <p>Registei a Chuva de Ideias numa cartolina à medida que oralizavam as suas ideias sobre a criança do livro. Depois deste debate, contei a história, ao qual seguiu-se um novo debate sobre o comportamento da personagem. As crianças criticaram todas as atitudes do "David", expressaram bastante surpresa por alguém se comportar assim, não respeitando as regras e perturbando a sala de aula. Foi bastante interessante observar a forma como as crianças condenam estes atos, em</p>

especial porque por nenhuma vez alguma estabeleceu relação e/ou comparação com o que se passa na turma. A discussão ganhou um ritmo e uma dinâmica jamais imaginada, todos deram a sua opinião, todos sugeriam castigos e consequências para o menino indisciplinado.

“Somos todos professores...”, foi o mote seguinte para a próxima tarefa, por isso os grupos organizaram-se para trabalhar ativamente, para posteriormente apresentarem a toda a turma.

Os porta-voz comunicaram as soluções/decisões de atuação, pois todos se consideraram professores capazes de ajudar o "David", mostrando as cartolinas que construíram.

Relato do trabalho desenvolvido

Reação individual e da turma	O D e o G inicialmente fugiram da sala, dizendo que não queriam fazer nada, pois era uma "grande seca", como não demonstrei a minha indignação, nem tentei sequer detê-los, instantes depois retomaram aos seus lugares em silêncio. Durante o desenvolvimento da atividade, a turma demonstrou-se cooperante, participativa e bastante alegre.
-------------------------------------	---

Questões relevantes que surgiram

Optei sempre por não revelar o nome da personagem do livro, bem como não mostrar as ilustrações do mesmo. Pedi sempre que imaginassem o tempo e espaço das ações, bem como os intervenientes. Relativamente ao nome, vários foram as tentativas das crianças para espreitar o título.

Questões (imprevistos) que surgiram ao nível:

Do tema	-----
---------	-------

Da planificação	-----
Da atitude dos alunos	-----
Como os resolvi	
Imprevisto A	O único imprevisto foi referente à fuga inicial da sala de aula de dois alunos, situação essa que é habitual no dia a dia, que optei ignorar e continuar a aula.
Imprevisto B	-----
Factores facilitadores	A eleição de portas-voz em cada grupo ajudou na organização da exposição de ideias. Sempre que outras crianças desejaram falar, pedi autorização aos representantes para ceder a palavra.
Factores perturbadores	A professora saiu e entrou da sala inúmeras vezes por motivos de funções de Coordenação, o que destabilizou por momentos a atenção e concentração das crianças.
Dar continuidade:	
Em que áreas	Educação pela Cidadania/Formação Pessoal
Como	Dar continuidade a propostas de atividade que promovam a introspeção, a avaliação da

	realidade e o sentido crítico.
Quando	Pelo menos uma vez por semana, é importante desenvolver atividades como esta, como estratégia de gestão dos comportamentos em sala de aula.

Reflexão sobre a implementação da actividade

Na planificação desta tarefa tive em conta as estratégias possíveis para combater os comportamentos desadequados da turma, sem que se centrasse especificamente nos seus, mas sim da personagem de uma história.

Segundo Picado (2009), a representação de papéis (role playing) é uma estratégia que visa diminuir as incidências negativas comportamentais, pois coloca o aluno a identificar situações problemáticas, avaliando as suas implicações e desenvolvendo estratégias para as combater.

Esta sessão de Educação pela Cidadania contribuiu para o meu crescimento enquanto profissional, na medida que analisei o problema de perspetivas diferentes, focando o mesmo no papel do professor.

A turma reagiu de forma dinâmica e interessada, pois todos os alunos sentiram-se implicados na resolução de uma situação problemática de indisciplina de uma criança do mundo das histórias, tão semelhante à sua realidade.

Na planificação seguinte, da mesma área de atuação, pretendo utilizar novas estratégias de intervenção, sendo que devo privilegiar mais a auto e hetero-avaliação após a realização da atividade, ponto que não consegui atingir devido à gestão do tempo.

Anexo V

Planificação da Tarefa

I – Planificação de uma tarefa/sequência

Ano- nº de alunos	Área	Tarefa	Data e duração
19	Estudo do Meio	Observação de animal em sala de aula	Duas horas 4 de Janeiro de 2015

O que pretendo que o aluno aprenda:			
Domínios/Conteúdos Programáticos	Metas/Objetivos	Operacionalização (Descritores)	Modalidades e Instrumentos de Avaliação
<p>Bloco 3 – À descoberta do ambiente natural</p> <p>1. Os seres vivos do seu ambiente</p>	<ul style="list-style-type: none"> animais domésticos reconhecer diferentes ambientes onde vivem os animais (terra, água, ar); reconhecer características externas de alguns animais (corpo coberto de penas, pêlos, escamas, bico, garras...); recolher dados sobre o modo de vida desses animais (o que comem, como se 	<ul style="list-style-type: none"> - Adquirir competências reflexivas e argumentativas - Reconhecer a importância da observação - Apreender os conteúdos de forma holística 	<ul style="list-style-type: none"> Realização de ficha individual (B.I do animal) Auto-avaliação (participação e empenho na atividade) Elaboração de cartaz sobre o que foi aprendido na atividade

	reproduzem, como se deslocam...)		
Razão de escolha da tarefa:	<p>A escolha da presente tarefa justifica-se pelo facto de ter sido negociado numa das reuniões de turma que existiriam diversas recompensas pela melhoria do comportamento do grupo. Uma das sugestões foi a realização de "aulas giras e engraçadas", como tal, esta aula insere-se neste acordo pela sua dinâmica menos formal, de carácter mais lúdico e em especial por inserir a observação de uma animal em sala de aula.</p> <p>Além da abordagem de conteúdos da área do Estudo do Meio, esta tarefa suscita a motivação das crianças, bem como a criatividade, o desenvolvimento da oralidade e ainda o trabalho cooperativo.</p>		

O que proponho que o aluno aprenda:	
Metodologia	<p>A tarefa será iniciada por uma história:</p> <p>"Sabem, hoje pelo caminho para a escola, aconteceu-me algo muito estranho...creio que fui seguida, mas não vos sei explicar pelo quê ou quem!Ouvi pequenos sons e senti constantemente um movimento durante todo o percurso, mas sempre que olhava para trás, não via nada nem ninguém! Tenho quase a certeza que também entrou na escola até porque encontrei uma mensagem no átrio...Agora preciso da vossa magnífica ajuda meus detectives!"</p> <p>Neste momento abro um envelope e leio a mensagem à turma:</p>

"De manhã acordei

E a mamã não vi.

Na rua me cansei,

E agora estou aqui!

De abrigo vou precisar,

Também de comida e beber...

Mas primeiro vão-me encontrar,

Para me socorrer!

Doméstico ou selvagem devo ser,

Mas serão vocês a descobrir,

Preciso de um lar para crescer,

E de amigos...para sorrir!"

Após a leitura dos versos, debataremos um pouco o seu conteúdo até que cheguem à conclusão que o "amigo misterioso" é um animal, que poderá ser doméstico ou selvagem.

Ex:

"Qual a diferença entre um animal doméstico e um selvagem?"

"Dêem exemplos de animais domésticos e de selvagens."

Posteriormente irei propor que cada criança idealize o animal que se escondeu na escola, facultando a cada uma ficha para preencher - B.I DO ANIMAL.

Quando toda a turma tiver terminado, cada criança apresentará ao grupo a sua produção.

O dilema não terá terminado, portanto será necessário pensar em soluções para encontrar o animal – "a quem podemos pedir ajuda?". Depois de ouvir as ideias de todas as crianças, perguntarei à professora Ana qual a sua ideia, à qual responderá que podemos pedir ajuda às outras outras turmas.

Pedirei então que se levantem cuidadosamente, sem fazer demasiado barulho e relembrando as regras de saída da sala de aula.

Cada grupo irá a uma sala recolher informações e obter ajuda, aguardarei no átrio por toda a turma, para se discutir todas as pistas recolhidas.

Pista 1: (sala do 3º ano – grupo 1)

"Ponho ovos mas não sou catatua,

Nado mas não sou sardinha,

Vê lá bem que ideia é a tua,

Quando pensares que espécie é a minha."

Pista 2: (sala do 4º ano – grupo 2)

"Sou amarelo como o sol,

Mais tarde, branco vou ficar...

Os meus olhos são um farol,

Que alerta me vão deixar!"

Pista 3: (sala do 1º ano – grupo 3)

"Se o animal queres descobrir,

Numa porta tens de entrar,

Em silêncio tens de ir,

E as regras respeitar!"

A pistas serão discutidas e procuraremos o lugar onde está o nosso animal.

De seguida levaremos com bastante cuidado o patinho para a sala, para ser observado e analisado. Falarei sobre as suas características quanto ao revestimento, modo de vida, reprodução, alimentação e curiosidades sobre o mesmo.

A tarefa seguinte será a construção de cartazes tendo em conta os seguintes itens: (esta tarefa será realizada em grupo)

- Ordem cronológica da atividade

	<ul style="list-style-type: none">• Ilustração dos momentos mais significativos• Um pequeno texto sobre as características do pato. <p>No final, todos os trabalhos serão expostos no painel à frente da sala de aula.</p>
Ação do professor	<p>Pretende-se que o professor cativa a atenção e curiosidade das crianças ao contar a história inicial, de modo a que pareça bastante verídica; para isso, a oralidade tem de ser dinâmica, clara e acompanhada de alguma dramatização facial e gestual.</p> <p>É importante também, que a gestão de tempo seja controlada de forma constante, bem como o ritmo do desenrolar da atividade, para que não se torne monótona na fase de trabalho individual (B.I DO ANIMAL).</p> <p>Durante toda a atividade, é fulcral gerir os comportamentos da turma, reforçar e relembrar as normas, especialmente quando se tiver de sair e entrar da sala, mas também quando o animal estiver presente.</p> <p>O professor deve orientar e fomentar o debate e partilha de ideias, mediar o ruído e gerir a participação de todas as crianças.</p>
	<p>De manhã ao entrarem na sala, as mesas e cadeiras estarão organizadas em três grupos. Pedirei que se sentem conforme as minhas indicações.</p>

Organização dos alunos	<p>Grupo 1: Érica, Tomás, David, Ana Sofia, Maria, Eliane</p> <p>Grupo 2: Daniel, João, Luana, Matilde, Cristiano, Paulo</p> <p>Grupo 3: Marta, Gustavo, Rodrigo, Guilherme, Beatriz, Mário, Quevin</p> <p>Estes grupos serão fixos em todos os momentos da atividade. Foram pensados conforme as características individuais, as relações interpessoais existentes e a forma como poderá existir mais entreajuda.</p>
Comunicação dos resultados	<p>A comunicação de resultados será através do registo escrito, da exposição oral individual e do grupo, bem como da elaboração de cartazes demonstrativos da aprendizagem e vivência.</p>
Recursos materiais	<ul style="list-style-type: none"> • 20 fichas "B.I do animal" • 1 mensagem num envelope • 3 pistas • 3 cartolinas • canetas e lápis • quadro • giz • caixa de cartão, comida e água (para o pato)
Recursos humanos	<p>Professora e Estagiária</p>

Previsão das estratégias a utilizar pelos alunos	<p>No momento da idealização do animal, muitas crianças imitarão o colega do lado, pois é uma situação comum quando existe trabalho individual na sala de aula.</p> <p>Quando o momento se destinar à realização do cartaz final, as crianças definirão o papel de cada um dentro do grupo: a) a criança que melhor escreve, b) o que melhor desenha, c) o que tem as melhores ideias. Esta situação justifica-se pelo facto de serem extremamente competitivos e quererem que o seu trabalho seja o melhor de todos.</p>
Previsão de dificuldades/erros	<p>Há bastantes crianças que ainda não sabem ler e/ou que têm bastantes dificuldades na interpretação dos textos.</p> <p>O ritmo de trabalho de algumas crianças é bastante moroso, o que poderá prejudicar todo o desenrolar da atividade.</p>
Prevenção das dificuldades	<p>Durante a realização do B.I do animal tenho de apoiar bastante o Mário e o Daniel, pois não sabem ler nem escrever.</p> <p>Será necessário criar um método para que as crianças saibam gerir o tempo necessário para concluírem a ficha.</p> <p>Tentarei utilizar um instrumento que criei (mas que ainda não experimentei), que é uma corda pintada a verde, amarelo e vermelho, pendurada perto do quadro, que serve</p>

	para ir colocando uma mola à medida que o tempo passa (sendo o vermelho o limite do mesmo).
Como posso relacionar esta tarefa com as outras áreas de aprendizagem	Esta tarefa pode ser relacionada com a área de Português (Educação Literária), explorando o conto tradicional "O Patinho Feio".

Reflexão Sobre a Implementação da Tarefa ou Sequência Didática

Relato da aula

Às 14 horas as crianças entraram novamente na sala de aula após a hora do recreio. Aguardei alguns minutos para que se sentassem, esclarecessem algumas situações de recreio e comessem a peça de fruta.

Iniciei a aula apresentando o papel de cenário que expus no quadro, ponto de partida e linha orientadora da proposta que iria ser desenvolvida. O T. e o Q começaram de imediato a ler o título – "Uma situação misteriosa...".

Perguntei se se lembravam das negociações relativas à mudança dos comportamentos da turma, que abrangiam as recompensas, até que uma M.E respondeu que uma delas seria a "realização de aulas divertidas e giras".

Comecei então a contar a minha aventura matinal, a situação misteriosa em que senti que algo ou alguém me perseguiu até à escola, e que inclusivé deixou uma mensagem no átrio da escola.

A mensagem foi lida pausadamente dando ênfase às rimas e às pistas.

Durante este processo, as crianças demonstraram bastante interesse e curiosidade, querendo partilhar a sua opinião e questionando a veracidade dos factos; algumas fantasiaram ainda mais à história proferindo que já lhes aconteceu terem sido perseguidas até à escola, - "O mesmo já me aconteceu quando eu vim da casa do meu avô na Damaia!" - disse o G..

Após esta fase de enigma e dramatização da situação, propus que se analisasse cuidadosamente a mensagem, registando "chuva de ideias" no papel de cenário. Rapidamente chegaram à conclusão que se trataria de um ser vivo, (conteúdo programático do Estudo do Meio que visa a identificação das características dos mesmos, em especial quanto aos animais serem domésticos ou selvagens). Nesta fase pedi que em conjunto se construísse a definição de animal selvagem e animal doméstico. Todas as crianças participaram ativamente na tarefa.

Passando à proposta seguinte, distribuí uma folha amarela para que cada um idealizasse o animal que poderia estar escondido na escola, deixando a liberdade de desenharem e/ou desenharem e escreverem o nome do mesmo. Utilizei esta estratégia para que nenhuma criança se sentisse constrangida por não conseguir escrever a palavra pretendida.

Para que ganhassem responsabilidade na sua tarefa, apresentei-lhes um instrumento que criei para gestão do tempo. Expliquei como funcionaria e qual o critério de perceção da passagem do tempo até ao final do trabalho. Prometi neste momento a programação de uma aula para a aprendizagem das horas, ao qual reagiram com grande felicidade.

Assim que terminaram, pedi à B e ao J para exporem os trabalhos no papel para que todos pudessem observar e contemplar as produções dos colegas.

A imaginação da turma e a diversidade de ideias surpreendeu-me bastante, pois é habitual em exercícios como este, existir a tendência de se imitar o trabalho do colega do lado, mas creio que o reforço positivo que transmiti levou a uma auto-confiança nas capacidades

individuais de cada criança. Borboletas, caracóis, serpentes, camelos e leões foram alguns exemplos de animais que foram desenhados.

A proposta seguinte surgiu de forma espontânea em tom de desafio. "Não estamos a conseguir descobrir o animal que está escondido na escola, vamos pedir ajuda!", nesse instante uma das sugestões das crianças fez-se ouvir...exatamente a que eu esperava – "Vamos pedir ajuda às outras turmas!".

Antes de saírem da sala, lembrei as regras de deslocação dentro e fora da sala por nós combinadas e passei a chamar pomposamente os grupos de ação e seus elementos constituintes para formarem uma fila junto à porta da sala: Os Investigadores, os Exploradores, e os Detectives. Destinei a cada grupo uma turma que deveria interrogar e fiquei à espera de todos no átrio deixando-os autonomamente realizar o apelo de ajuda às turmas.

Minutos depois os grupos chegaram junto de mim e bastante ansiosos mostraram-me a pista que as professoras titulares lhes deram (pistas criadas anteriormente por mim e cedidas às mesmas para ser possível esta tarefa). As rimas foram lidas em voz alta pelas crianças que se voluntariaram para o efeito e o debate surgiu novamente agora num espaço fora da sala de aula.

Para prolongar um pouco mais o efeito surpresa, permiti que livremente procurassem no piso pelo animal, entraram na sala de NEE, na sala dos professores, na secretaria e até nas casas de banho. Após esta procura intensiva, esperei que os ânimos acalmassem e pedi que retomassem a serenidade e silêncio iniciais.

Abri a porta da arrecadação e entraram pé ante pé...ficaram deslumbrados ao ver "um pato de verdade!". O D pegou na comida do animal e o R na caixa com água, para que eu pudesse pôr o animal na caixa. Gerou-se neste momento alguma confusão, deixaram cair a comida no chão, o pato não se conseguia levantar com bastante fragilidade nas patinhas, mas

nada que não tenha sido perfeitamente esperado ou normal para a situação vivenciada, tanto para a turma como para o próprio pato.

Voltámos para a sala e deixei que observassem o animal a pares, sendo necessário de seguida registar algo no papel de cenário. A maior parte das crianças começou a desinteressar-se ou a dispersar-se, não tendo cumprido o registo que tinha sido pedido, mas também a conversar e a brincar.

Como estratégia alternativa nessa situação, comuniquei à turma que visto que não estariam interessados no que eu iria falar quanto às características das aves, mais especificamente dos patos, que se iriam inverter os papéis, em vez dessa proposta de trabalho, seriam eles próprios a "ensinarem-me coisas que já sabem" sobre os patos. Ficaram bastante preocupados, mas não reverti a minha decisão, distribuí a ficha por mim criada "B.I. DO ANIMAL" e pedi que a realizassem.

Durante a implementação da tarefa, fui ajustando alguns critérios, formas de comunicação e ainda estratégias pedagógicas em que tinha refletido na planificação, mas que no momento de atuação não fizeram sentido.

Toda a turma se demonstrou bastante empenhada, mas como é habitual, as solicitações para ajudar foram constantes e limitadoras para a minha gestão pedagógica, por isso, pedi que os colegas que melhor sabiam ler, ajudassem os que tinham menos facilidades na leitura e interpretação.

Visto que as horas se aproximavam da hora do lanche, pedi à E que recolhesse as fichas para serem terminadas no dia seguinte, à É para recolher e arrumar os materiais escolares e ao J para distribuir os lanches. No dia seguinte a atividade foi avaliada oralmente pela turma.

O tempo definido na planificação foi suficiente para esta tarefa constituída por sub-tarefas, pois consegui gerir o ambiente educativo.

Esta atividade vai ser continuada, pois o pato será o animal de estimação da escola, o que

implicará diversas e variadas atividades em torno desta importante responsabilidade. Passo a enumerar algumas ideias referentes às áreas da Formação Pessoal, Matemática e Português:

- Eleições para escolher o nome do animal
- Mapa de tarefas (dar o comer, a água, limpar, brincar, cuidar...)
- Pesar e medir, para ir comparando os valores relativos ao seu crescimento
- Criar a biografia do animal

Reflexão sobre a Implementação da Tarefa ou Sequência Didática

Com a realização desta tarefa, tive a confirmação uma vez mais que a turma em questão necessita de atividades lúdico-didáticas, promotoras da participação e entusiasmo no processo de aprendizagem. Tive o cuidado minucioso de planificar de forma a prever as principais advertências que poderiam surgir, especificamente no que concerne à gestão dos comportamentos. A participação das crianças foi gerida por mim de forma a evitar que todos quisessem falar ao mesmo tempo, dando valor a quem usou "o dedinho mágico" de pedido de autorização para partilhar as suas ideias.

A minha atuação foi dinâmica, evitando a quebra do ritmo de trabalho, e solucionando estratégias que visassem o controlo da turma, tais como a cooperação entre pares e a distribuição de tarefas no decorrer da atividade. A minha aprendizagem com as crianças também é de importante referência, pois surgiram questões que nem eu própria soube responder, ao qual admiti perante a turma, ato esse que creio ser bastante construtivo para todos – "O boi é um animal doméstico ou selvagem?", perguntei a mim mesma sem qualquer receio de julgamento. Neste contexto, segundo Coll e Solé, 1996, p.295:

São dois os elementos identificados como essenciais na construção dos contextos de interação na sala de aula. Por um lado a estruturação de participação, ou estrutura social, que se refere ao que se espera ser feito pelo professor e pelos alunos, a seus direitos e obrigações no transcurso das atividades (quem pode fazer ou dirigir algo, o quê, quando, como, com quem, onde, com que objetivo). Por outro, a estrutura de conteúdo ou estrutura académica, que se refere ao conteúdo da atividade escolar e à sua organização.

Na planificação seguinte devo continuar a ter em conta que uma área curricular não tem de ser estática e encerrada das suas imensas possibilidades de articulação com outras áreas curriculares, e mesmo outras de formação pessoal e social.